

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS

CECILIA DOS SANTOS LEAL

**INTERTEXTUALIDADE TEMÁTICA: O DIÁLOGO ENTRE VIDAS SECAS E
TORTO ARADO**

PARNAÍBA

2025

CECILIA DOS SANTOS LEAL

INTERTEXTUALIDADE TEMÁTICA: O DIÁLOGO ENTRE *VIDAS SECAS* E *TORTO ARADO*

Trabalho de conclusão de curso (monografia)
apresentado como requisito necessário à
Universidade Estadual do Piauí para a
obtenção do título de Licenciado em Letras-
português. Orientador(a): Prof(a). Prof. Dra.
Rita Alves Vieira

PARNAÍBA
2025

L433i Leal, Cecilia dos Santos.

Intertextualidade temática: o diálogo entre "Vidas secas" e
"Torto arado" / Cecilia dos Santos Leal. - 2025.
57f.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí -
UESPI, Licenciatura em Letras - Português, Campus Prof. Alexandre
Alves de Oliveira, Parnaíba-PI, 2025.

"Orientadora: Prof.^a Dra. Rita Alves Vieira".

1. Intertextualidade. 2. Silenciamento. 3. Literatura e poder.
4. Exclusão social. I. Vieira, Rita Alves . II. Título.

CDD 801.95

CECILIA DOS SANTOS LEAL

**INTERTEXTUALIDADE TEMÁTICA: O DIÁLOGO ENTRE VIDAS SECAS E
TORTO ARADO**

Trabalho de conclusão de curso (monografia) apresentado como requisito necessário à Universidade Estadual do Piauí para obtenção do título de Licenciado em Letras-português.

Orientador(a): Prof(a). Prof. Dra. Rita Alves Vieira

Monografia aprovada em 13 / 06 / 2025

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof(a) Dra. Rita Alves Vieira

Orientador(a): Prof(a).

Prof. Dr. Marcílio Machado Pereira

1º Examinador(a): Prof(a).

Prof(a) Ma. Silvana Maria Lima dos Santos.

2º Examinador(a): Prof(a).

Ao meu bem querer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus.

Escrever sempre me foi difícil, embora tivesse partido do que se chama vocação. Vocação é diferente de talento. Pode-se ter vocação e não ter talento, isto é, pode-se ser chamado e não saber como ir. Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*, 1984.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo geral analisar de que maneira a intertextualidade temática entre os romances *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, evidencia os mecanismos de silenciamento, marginalização social e resistência dos sujeitos subalternos. A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa, analítica e descritiva, fundamentada nos estudos de Kristeva (1974), Foucault (1979), Bakhtin (2006), Fiorin (2005) e outros, com o intuito de compreender como a linguagem — ou sua negação — atua como ferramenta de poder e também de resistência simbólica. Entre os objetivos específicos estão: apresentar os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade; examinar o papel da linguagem e da escrita nas estruturas de poder; e discutir o impacto da educação linguística na formação dos sujeitos marginalizados. A análise textual das obras demonstrou que, apesar da distância temporal, ambas partilham de uma crítica social contundente às desigualdades históricas no Brasil, revelando como o silêncio e a exclusão podem ser reconfigurados como formas de reexistência. O estudo conclui pela importância da literatura enquanto espaço de denúncia e visibilização das vozes silenciadas, afirmando seu papel político e formador.

Palavras-chave: Intertextualidade. Silenciamento. Literatura e poder. Exclusão social.

ABSTRACT

This monograph aims to analyze how thematic intertextuality between the novels *Vidas Secas*, by Graciliano Ramos, and *Torto Arado*, by Itamar Vieira Junior, highlights the mechanisms of silencing, social marginalization, and resistance of subaltern subjects. The research follows a qualitative, analytical, and descriptive approach, grounded in the studies of Kristeva (1974), Foucault (1979), Bakhtin (2006), Fiorin (2005), among others, seeking to understand how language—or its denial—functions both as a tool of power and as a means of symbolic resistance. The specific objectives include: presenting the concepts of intertextuality and interdiscursivity; examining the role of language and writing within power structures; and discussing the impact of linguistic education on the formation of marginalized subjects. The textual analysis of the works showed that, despite the temporal distance, both share a strong social critique of historical inequalities in Brazil, revealing how silence and exclusion can be reconfigured as forms of re-existence. The study concludes by emphasizing the importance of literature as a space for denouncing and giving visibility to silenced voices, affirming its political and formative role.

Keywords: Intertextuality. Silencing. Literature and power. Social exclusion.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	INTERTEXTUALIDADE: ORIGENS, CONCEITOS E APLICAÇÕES.....	15
2.1	O SILENCIAMENTO DOS PERSONAGENS E O PAPEL DA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA NAS ESTRUTURAS DE PODER	17
2.2	INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE: RELAÇÃO COM AS OBRAS <i>VIDAS SECAS</i> E <i>TORTO ARADO</i>	21
3	A LINGUAGEM, A ESCRITA E SUA ESTRUTURA DE PODER	24
3.1	PODER, SUBMISSÃO E RESISTÊNCIA NA LINGUAGEM: UMA LEITURA DE <i>VIDAS SECAS</i> E <i>TORTO ARADO</i>	27
3.2	A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE CONTROLE E RESISTÊNCIA.....	29
4	ANÁLISE DE DADOS	31
4.1	CONTEXTUALIZAÇÃO NARRATIVA: APROXIMAÇÕES ENTRE <i>VIDAS SECAS</i> E <i>TORTO ARADO</i>	32
4.2	A TERRA E A FOME: POBREZA, EXCLUSÃO E MARGINALIZAÇÃO SOCIAL ...	35
4.3	VOZES CALADAS: SILENCIAMENTO E RESISTÊNCIA DOS SUJEITOS OPRIMIDOS.....	41
4.4	ECOS ENTRE NARRATIVAS: APROXIMAÇÕES TEMÁTICAS E ESTILÍSTICAS	48
4.5	EDUCAÇÃO COMO ATO DE RESISTÊNCIA E ESPERANÇA.	51
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
6	REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

A literatura brasileira frequentemente explorou as nuances das desigualdades sociais e da marginalização, revelando as contradições e dificuldades que permeavam a vida no sertão. As obras *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, representaram exemplos potentes dessa tradição literária, ao trazerem à tona a complexidade das relações entre opressão, resistência e silêncio. Diante disso, este trabalho teve como objetivo investigar de que maneira essas duas narrativas - por meio da intertextualidade temática - dialogaram entre si ao abordarem as estruturas de poder que limitaram a existência e a expressão de seus personagens. *Vidas Secas*, publicada em 1938, narrou a trajetória de uma família de retirantes nordestinos que, assolada pela seca, vagava em busca de sobrevivência. A obra revelou, com linguagem seca e objetiva, a miséria que corroía os corpos e calava as vozes dos personagens - Fabiano, Sinhá Vitória, os dois filhos e a cadela Baleia – que são marcados pela brutalidade do sertão e pela exclusão, esses sujeitos foram aprisionados em uma condição de subalternidade que os impedia de se reconhecerem enquanto cidadãos. A linguagem interiorizada e o silêncio marcaram profundamente a existência dessas figuras, que quase não falavam – e, quando o faziam, era de forma fragmentada e rudimentar, revelando a precariedade do acesso à linguagem e à educação formal. Essa escassez linguística não se limitava ao nível da oralidade, mas estendia-se como um reflexo das estruturas sociais excludentes, que negavam a esses sujeitos as ferramentas básicas de expressão e cidadania.

Em contra partida, *Torto Arado*, romance vencedor de diversos prêmios literários e publicado em 2019, apresentou a história das irmãs Bibiana e Belonísia, que cresceram em uma comunidade rural descendente de escravizados no sertão da Bahia. O enredo foi desencadeado por um acidente simbólico: ao manusearem uma antiga faca escondida no fundo de uma mala, Belonísia cortou a própria língua. O silêncio involuntário de uma das protagonistas passou a funcionar como metáfora para a condição de silenciamento histórico e estrutural dos sujeitos negros e pobres no Brasil. Ao longo da narrativa, a obra revelou a luta das personagens por reconhecimento, dignidade e voz dentro de uma estrutura de dominação marcada pelo patriarcalismo, pelo racismo e pela concentração fundiária. Além disso, *Torto Arado* apresentou uma dimensão espiritual e coletiva da resistência, na qual o vínculo com

a terra, com os ancestrais e com os saberes populares exerceu papel essencial na formação da identidade das personagens e na construção de outras formas de linguagem.

O silêncio emergiu como um elemento central em ambas as obras, não apenas como uma imposição social, mas também como uma forma de sobrevivência e resistência, evidenciando a força simbólica da linguagem na luta contra a exclusão. A escolha do tema justificou-se pela forma como *Vidas Secas* e *Torto Arado* abordaram o silenciamento e a marginalização, aspectos que permearam a trajetória dos protagonistas e que, por meio da intertextualidade, evidenciaram as estruturas de poder que regeram suas existências. Essa análise permitiu refletir sobre o papel da linguagem como mecanismo de exclusão, mas também como possível ferramenta de emancipação, especialmente quando reapropriada pelos sujeitos marginalizados. A intertextualidade temática constituiu um recurso valioso para a análise das questões sociais, culturais e históricas, permitindo que a literatura funcionasse como um espelho das realidades enfrentadas por sujeitos marginalizados. Segundo Gil (2017, p. 44), "a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos", o que justificou o uso de textos teóricos como sustentação crítica à análise das obras em questão.

Com isso, compreender as relações intertextuais entre *Vidas Secas* e *Torto Arado* revelou-se fundamental para perceber como a literatura se articulou como forma de denúncia e resistência. O estudo da intertextualidade revelou-se essencial na medida em que permitiu compreender como textos de diferentes épocas e autores dialogaram entre si, reelaborando temas universais a partir de novas perspectivas históricas, sociais e culturais. Ao identificar conexões entre obras distintas, o leitor desenvolveu uma consciência crítica ampliada, reconhecendo a permanência e a transformação de certos problemas sociais ao longo do tempo. A análise intertextual entre *Vidas Secas* e *Torto Arado*, possibilitou entender como o silenciamento, a opressão e a resistência continuaram a ser temas centrais na literatura brasileira, refletindo não apenas as condições históricas de seus contextos, mas também a atualidade e a urgência desses debates. Tal abordagem reforçou a importância da literatura como instrumento de formação crítica e social, e como espaço de memória e denúncia. Além disso, esse diálogo intertextual promoveu o resgate de narrativas periféricas e o reconhecimento da pluralidade de vozes que compõem a cultura nacional.

Nas referidas narrativas analisadas, os personagens lidaram com adversidades próprias da vida no sertão, tornando-se vítimas de um sistema opressivo que silenciou suas vozes e limitou suas possibilidades de ação. Fabiano, por exemplo, teve sua humanidade esvaziada pela opressão do patrão e da polícia, enquanto Belonísia, mesmo mutilada fisicamente, construiu formas alternativas de comunicação e presença. Em ambos os casos, a exclusão não anulou completamente a subjetividade dos personagens, mas a moldou de forma a construir resistências silenciosas ou simbólicas. Diante disso, a presente análise buscou compreender como a escrita de Graciliano Ramos e Itamar Vieira Junior se articulou para evidenciar as nuances do sofrimento e da resistência diante da exclusão social. Essa resistência, ainda que silenciosa, delineou novos caminhos de reexistência, afirmando os personagens como sujeitos históricos capazes de se reinventar mesmo diante da adversidade.

O objetivo geral do estudo consistiu-se em examinar de que maneira a intertextualidade temática, a escrita e suas respectivas estruturas de poder reverberaram o silenciamento dos personagens, refletindo as condições de marginalização e opressão social que os cercaram. Como objetivos específicos, buscou-se: conhecer a intertextualidade temática e seus desdobramentos, descrevendo seus aspectos contextuais, conceituais e funcionais/pragmáticos; identificar as formas pelas quais o silêncio e a fala dos personagens refletiram a opressão social e a marginalização presentes na vida sertaneja, discutindo ainda o papel da linguagem escrita na construção dessas experiências; analisar as relações intertextuais temáticas entre as duas obras e como essas reverberaram as nuances da subalternidade do sujeito nordestino; e, por fim, discutir a relação entre a ausência de acesso à educação formal e a capacidade de comunicação dos personagens, refletindo intertextualmente sobre como isso contribuiu para a manutenção de estruturas de poder.

A análise da intertextualidade entre *Vidas Secas* e *Torto Arado* revelou um panorama profundo das condições de vida no sertão e das dinâmicas sociais que perpetuaram a marginalização. Ambas as obras se destacaram como expressivos exemplos de como a literatura brasileira abordou a desigualdade social e a opressão. Apesar da distância temporal entre ambas, os romances apresentaram personagens cujas vozes foram abafadas por estruturas sociais opressivas. Contudo, esses sujeitos encontraram formas sutis de resistir e de reivindicar espaço. Assim, tanto Graciliano Ramos quanto Itamar Vieira Junior construíram narrativas que, ao entrelaçarem

silêncio e palavra, não apenas denunciaram as desigualdades sociais, mas também, ressaltaram a importância da literatura como instrumento de visibilidade para os silenciados. Tal visibilidade não se limita ao campo literário, mas projeta-se no debate social mais amplo, contribuindo para a valorização de culturas historicamente negligenciadas.

Com isso, as obras reforçaram a necessidade de compreender a escrita como um espaço de contestação e transformação, revelando o poder das histórias marginalizadas na construção de novos olhares sobre a sociedade. Os personagens que não tiveram voz formal – como Belonísia, calada fisicamente, e os filhos de Fabiano, privados da escola – figuraram como expressões de uma coletividade desprovida de direitos, cuja oralidade, expressão corporal ou até mesmo o silêncio representaram atos de resistência. A escuta dessas vozes subalternizadas, mesmo quando fragmentadas ou metafóricas, revelou a potência crítica da literatura na formação da consciência social.

Para embasar teoricamente a análise proposta, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de natureza analítica e descritiva. Como afirmaram Lakatos e Marconi (2007, p. 83), “a pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e na explicação da dinâmica das relações sociais”. Tal abordagem revelou-se adequada à investigação literária, pois permitiu interpretar as dimensões simbólicas e subjetivas presentes nas obras.

Também se utilizou a pesquisa bibliográfica, conforme destacaram Lakatos e Marconi (2003, p. 158), ao afirmarem que essa modalidade constitui “um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”. Tal fundamentação permitiu evitar lacunas teóricas e embasar criticamente a análise das obras literárias. A análise documental também se fez presente, com base na leitura direta dos textos de Graciliano Ramos e Itamar Vieira Junior. Prodanov e Freitas (2013, p. 43) definiram a pesquisa científica como “a realização de um estudo planejado [...], cuja finalidade é descobrir respostas para questões mediante a aplicação do método científico”, o que justificou a adoção de um processo sistemático na leitura e interpretação das obras.

A metodologia foi dividida em três etapas principais: a primeira consistiu no levantamento bibliográfico, com foco em estudos teóricos sobre silenciamento,

marginalização e intertextualidade. Para isso, foram consultados autores fundamentais para o campo da intertextualidade e críticos literários que abordaram temas como resistência cultural e estruturas de poder no contexto periférico brasileiro; a segunda etapa centrou-se na análise textual de *Vidas Secas* e *Torto Arado*, com o objetivo de identificar as intertextualidades temáticas e a forma como o silenciamento e as estruturas de poder foram representados nas narrativas; Por fim, a terceira etapa correspondeu à discussão e à interpretação dos dados coletados, buscando compreender como as obras dialogaram entre si e revelaram as condições de marginalização e resistência vividas por seus personagens.

A pesquisa adotou, portanto, uma abordagem qualitativa e interpretativa, adequada à exploração profunda dos aspectos culturais e sociais presentes nas obras, diferentemente de abordagens quantitativas. Quanto aos objetivos, a investigação foi analítica e descritiva, pois não apenas descreveu as estruturas de poder e silenciamento, como também analisou criticamente seus significados e implicações nas narrativas.

Dessa forma, ao aplicar os fundamentos metodológicos de Lakatos e Marconi (2003, 2007), Prodanov e Freitas (2013) e Gil (2017), este estudo ampliou a compreensão da linguagem e das estruturas sociais nas obras *Vidas Secas* e *Torto Arado*, reafirmando o papel da literatura como ferramenta de resistência e de visibilização de realidades historicamente silenciadas.

2 INTERTEXTUALIDADE: ORIGENS, CONCEITOS E APLICAÇÕES

Na década de 1960, a teórica Julia Kristeva, influenciada pelos estudos de Mikhail Bakhtin, desenvolveu o conceito de intertextualidade na Linguística Textual. Esse conceito refere-se ao fenômeno pelo qual um texto se relaciona com outros, absorvendo e transformando suas ideias e estruturas. Kristeva (1974, p. 64) afirma que "todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto". Isso revela que nenhum texto é criado ou interpretado de forma isolada, mas sim, dentro de uma rede contínua de referências e influências literárias.

Koch (1997) distingue entre intertextualidade ampla, presente em qualquer forma de comunicação, e intertextualidade *stricto sensu*, caracterizada pela inserção deliberada de elementos de outro texto, seja por citação explícita ou por alusão implícita. A intertextualidade também é um processo criativo e dinâmico, no qual a produção e recepção textual dependem do conhecimento prévio dos interlocutores sobre outros textos. Segundo Koch (2013),

A intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos (Koch, 2013, p.53).

Ambas as autoras citadas evidenciam que o significado textual não é um produto isolado, mas resulta do diálogo constante entre discursos. Além disso, Bakhtin (1981) já havia explorado a ideia de que todo discurso é essencialmente dialógico, isto é, "todo enunciado é povoado de ressonâncias de outros enunciados" (Bakhtin, 1981, p. 92). Julia Kristeva incorporou essa perspectiva e propôs que, ao invés de pensarmos em intersubjetividade (a troca entre sujeitos), devemos compreender a intertextualidade como um fenômeno central na construção dos sentidos textuais. Gerard Genette em sua obra, *Palimpsestos a literatura de segunda mão*, descreve a intertextualidade como:

A intertextualidade é (...) o mecanismo próprio da leitura literária. De fato, ela produz a significância por si mesma, enquanto que a leitura linear, comum aos textos literários e não-literários, só produz o sentido". Porém, a esta ampliação teórica corresponde uma restrição de fato, pois as relações estudadas por Riffaterre são sempre da ordem de micro estruturas semântico-estilísticas, no nível da frase, do fragmento

ou do texto breve, geralmente poético. O “traço” intertextual, segundo Riffaterre, é então mais (como a alusão) da ordem da figura pontual (do detalhe) que da obra considerada na sua macro-estrutura¹ (Genette 2006, p.9).

A citação apresenta a visão de um autor que está comentando a teoria de Michael Riffaterre sobre intertextualidade. Segundo esse autor, Riffaterre ²considera a intertextualidade como algo fundamental para a leitura literária. Isso porque, para Riffaterre, é por meio das relações entre textos que o leitor consegue perceber sentidos mais profundos, indo além do significado direto das palavras. Esse sentido mais profundo é chamado por ele de "significância". Já a leitura linear, aquela que seguimos de forma direta, linha por linha, só produz um sentido mais superficial.

A intertextualidade pode ser observada em diversas práticas textuais e assume diferentes formas na produção discursiva. A citação, por exemplo, é a reprodução direta de partes de outro texto, geralmente identificada por aspas ou notas de rodapé, garantindo o crédito ao autor original. A alusão, por outro lado, refere-se a uma referência indireta a outro texto ou contexto, exigindo do leitor um conhecimento prévio para reconhecer a conexão. Há também o plágio, que se caracteriza pela apropriação indevida de elementos de outro texto sem a devida atribuição, configurando uma violação ética e acadêmica.

Também pode ser vista como um processo criativo e dinâmico, no qual a produção e recepção textual dependem do conhecimento prévio dos interlocutores. Como afirma Koch (2013, p. 53), "a intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores". Dessa forma, o leitor desempenha um papel ativo na interpretação das conexões intertextuais, reconhecendo referências e ampliando os sentidos do texto com base em seu repertório cultural.

¹ A macroestrutura textual refere-se à organização e coerência dos elementos em um texto, facilitando a compreensão e interpretação do leitor¹². É importante que um texto apresente uma estrutura clara e bem definida para que a mensagem seja transmitida de forma eficaz.

² Michael Riffaterre (nascido em 20 de novembro de 1924, em Bourgneuf, França — falecido em 27 de maio de 2006, em Nova York, EUA) foi um crítico literário norte-americano, cujas análises textuais enfatizam as respostas do leitor, e não a biografia ou a política do autor.

2.1 O SILENCIAMENTO DOS PERSONAGENS E O PAPEL DA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA NAS ESTRUTURAS DE PODER

A intertextualidade, entendida como a relação entre textos que dialogam entre si, é um conceito fundamental na educação linguística de um povo — no caso brasileiro, especialmente no ensino de Língua Portuguesa. Ela permite que os alunos compreendam como os textos são construídos a partir de outros, desenvolvendo habilidades de leitura crítica e produção textual consciente. Segundo Silva (2002), “a intertextualidade é um fenômeno constitutivo da produção do sentido e pode-se dar entre textos expressos por diferentes linguagens”. Esse conceito não apenas amplia a compreensão textual dos estudantes, mas também os insere em práticas discursivas que envolvem o reconhecimento de vozes, saberes e contextos diversos.

No que se refere à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o documento reconhece a importância da intertextualidade no desenvolvimento das competências linguísticas dos estudantes. Ao propor uma abordagem que valoriza a leitura crítica, a BNCC destaca que os alunos devem ser capazes de identificar relações intertextuais, o que amplia seu repertório cultural e favorece sua atuação cidadã. Nesse sentido, o ensino da intertextualidade não é apenas um exercício técnico de identificação de referências, mas também um ato político, pois envolve o reconhecimento de discursos que historicamente foram silenciados ou marginalizados.

Relacionar intertextualidade e poder, portanto, é essencial para a construção de uma educação linguística crítica e emancipadora. O domínio da linguagem — e, mais especificamente, a habilidade de reconhecer e articular discursos intertextuais — proporciona aos sujeitos uma forma de resistência simbólica diante das estruturas que buscam controlar ou limitar sua expressão. Como afirmou Bakhtin (2003, p. 113), na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, “a palavra é o território de disputa ideológica”, o que implica dizer que ensinar linguagem é também ensinar os sujeitos a se posicionarem frente às ideologias que permeiam o discurso. Ao ensinar intertextualidade, possibilita-se que os estudantes ocupem posições de fala mais conscientes e críticas, rompendo com o silenciamento e a subalternidade. Assim, a intertextualidade torna-se um instrumento de poder, pois contribui para a construção de uma identidade discursiva ativa e autônoma, capaz de se posicionar frente às desigualdades sociais e históricas refletidas nos textos e na vida cotidiana.

No Ensino Fundamental, a habilidade EF89LP32, prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), propõe que os alunos analisem os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade, como referências, alusões e retomadas, entre textos literários e outras manifestações artísticas, incluindo cinema, teatro, artes visuais e música. A BNCC destaca que, nessa etapa, os estudantes devem “compreender e analisar as relações entre textos, identificando efeitos de sentido decorrentes de mecanismos intertextuais” (BRASIL, 2017, p. 242). Além disso, o documento reforça que o ensino da língua deve:

Promover o desenvolvimento da competência leitora e escritora, com ênfase na compreensão dos textos em suas diversas manifestações e em sua relação com outros textos e contextos, analisar a relação entre textos, percebendo como os sentidos são produzidos e transformados nas práticas sociais (Brasil, 2017, p. 240).

Essa abordagem visa a ampliar a capacidade crítica dos alunos, incentivando-os a compreender a linguagem não apenas como meio de comunicação, mas como um espaço de disputa simbólica e construção de sentidos, vinculando diretamente a educação linguística às questões de poder e cultura. Dessa forma, o estudo da intertextualidade no Ensino Fundamental não apenas favorece o desenvolvimento das competências linguísticas previstas na BNCC, mas também promove a formação de leitores críticos e conscientes, aptos a reconhecerem os discursos sociais, culturais e históricos presentes nos textos. Isso reforça o papel da escola como espaço de formação cidadã, em que o domínio da linguagem se relaciona diretamente com o exercício da autonomia, da reflexão crítica e da participação social.

No Ensino Fundamental, a habilidade EF89LP32, prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), propõe que os alunos analisem os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade, como referências, alusões e retomadas, entre textos literários e outras manifestações artísticas, incluindo cinema, teatro, artes visuais e música. A BNCC destaca que, nessa etapa, os estudantes devem “compreender e analisar as relações entre textos, identificando efeitos de sentido decorrentes de mecanismos intertextuais, como a retomada, a referência, a citação, a paráfrase, a paródia e a alusão” (BRASIL, 2017, p. 242). Ainda segundo o documento, essas práticas fazem parte da competência leitora e escritora, que deve considerar “a multiplicidade de gêneros, linguagens e códigos, além da interação entre diferentes mídias e práticas culturais, promovendo o desenvolvimento da autonomia

crítica dos estudantes” (Brasil, 2017, p. 241). Além disso, a BNCC reforça que o ensino da língua deve “promover o desenvolvimento da competência leitora e escritora, com ênfase na compreensão dos textos em suas diversas manifestações e em sua relação com outros textos e contextos, de modo a ampliar a capacidade de interpretação e produção textual consciente e crítica” (Brasil, 2017, p. 240).

No componente curricular de Língua Portuguesa, a BNCC aponta a intertextualidade como um eixo articulador das práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística, ressaltando que os estudantes devem ser capazes de “analisar a relação entre textos, percebendo como os sentidos são produzidos, ampliados e transformados nas práticas sociais e culturais, e como os textos dialogam em diferentes contextos sociais e históricos” (Brasil, 2017, p. 241). Essa abordagem visa ampliar a capacidade crítica dos alunos, incentivando-os a compreender a linguagem não apenas como meio de comunicação, mas como um espaço de disputa simbólica e construção de sentidos, vinculando diretamente a educação linguística às questões de poder, cultura e identidade.

No Ensino Médio, a BNCC enfatiza ainda mais a análise das relações de intertextualidade e interdiscursividade como essenciais para a formação crítica dos estudantes. Segundo o documento, os alunos devem ser capazes de:

Identificar, analisar e refletir sobre as relações de intertextualidade e interdiscursividade que explicitem relações dialógicas entre textos, evidenciando posicionamentos, perspectivas e intenções comunicativas diversas, bem como a função social dos textos em diferentes contextos (Brasil, 2017, p. 292).

De acordo com o exposto é torna-se nítido a relevância de estudar e analisar essas questões, e que não é raso e redundante pesquisar sobre tal assunto. A BNCC destaca que é fundamental compreender “como as paráfrases, paródias, estilizações e outras estratégias intertextuais contribuem para a construção dos sentidos, o diálogo entre diferentes discursos e a produção de sentidos múltiplos, possibilitando aos estudantes reconhecer a complexidade dos processos comunicativos” (Brasil, 2017, p. 292).

Além disso, o documento orienta que o ensino da linguagem no Ensino Médio deve contemplar:

A análise das relações entre diferentes textos e discursos, de modo a ampliar a compreensão das práticas sociais, culturais, históricas e políticas nas quais esses textos se inserem, favorecendo o desenvolvimento da competência crítica e reflexiva dos estudantes (Brasil, 2017, p. 291).

Assim, a ênfase da BNCC na intertextualidade e interdiscursividade contribui para a formação de sujeitos críticos, reflexivos e capazes de posicionar-se diante das múltiplas formas de discurso que permeiam a sociedade contemporânea, promovendo uma educação linguística que dialoga com as relações de poder e as dinâmicas sociais. Essa orientação visa aprofundar a capacidade dos alunos de interpretar e produzir textos que dialogam com outros, promovendo uma visão crítica e reflexiva sobre os discursos que circulam na sociedade.

Para implementar efetivamente o ensino da intertextualidade, é essencial que os materiais didáticos estejam alinhados com as diretrizes da BNCC. Estudos, como o de Silva (2002), destacam a importância de os professores desenvolverem nos alunos a capacidade de identificar intertextos, promovendo uma compreensão mais profunda dos textos e de suas conexões. De acordo com Calvalcante 2021 em seu livro intitulado *As intertextualidades: o diálogo entre textos no ensino*. Por sua vasta participação nas atividades de linguagem, as intertextualidades, se exploradas no ensino de leitura e de escrituralidade, melhoram sensivelmente a compreensão leitora e podem reverberar, sobretudo, na variedade de funções argumentativas e de funções estético-conotativas criadas pelo aluno em suas produções escritas.

Na verdade, os processos de produção e interpretação envolvem, necessariamente, a relação entre textos, em doses diferentes de explicitude. O reconhecimento dessa importância aparece claramente em certos trechos da BNCC (2018), tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio (Cavalcante, 2021, p.171) argumenta que, devido à sua ampla participação nas atividades de linguagem, as intertextualidades, quando exploradas no ensino de leitura e escrita, melhoram significativamente a compreensão leitora e além disso, a aplicação da intertextualidade no ensino de Língua Portuguesa pode ser realizada por meio de diversas estratégias pedagógicas.

Aulas, por exemplo, cujas metodologias explorem a relação entre diferentes gêneros textuais, como contos e propagandas, permitem que os alunos identifiquem e analisem estratégias de referência, alusão ou retomada de outras linguagens artísticas. Além disso, atividades que envolvem a análise de documentários e sua

relação com outros textos contribuem para o desenvolvimento da habilidade de relacionar conteúdos de diferentes fontes. José Moran (2015) destaca que, para que os alunos desenvolvam autonomia e pensamento crítico, é necessário propor atividades desafiadoras, significativas e conectadas com a realidade. Isso inclui metodologias que estimulem a colaboração, a investigação e a integração de diferentes linguagens e mídias, como ocorre com o uso pedagógico da intertextualidade em sala de aula e destaca que:

As metodologias ativas são caminhos para avançar mais no conhecimento profundo, nas competências socioemocionais e em novas práticas. As escolas que nos mostram novos caminhos estão mudando para modelos mais centrados em aprender ativamente com problemas reais, desafios relevantes, jogos, atividades e leituras, valores fundamentais, combinando tempos individuais e tempos coletivos; projetos pessoais de vida e de aprendizagem e projetos em grupo (Moran, 2015, p. 2).

De acordo com Moran, a aprendizagem torna-se mais eficaz quando parte do cotidiano dos alunos, considerando seus interesses e contextos socioculturais. Nesse sentido, práticas pedagógicas que exploram relações intertextuais entre gêneros como contos, propagandas, vídeos e documentários ampliam a compreensão crítica dos discursos, promovendo uma educação mais engajada e significativa

Portanto, a intertextualidade desempenha um papel crucial no ensino de Língua Portuguesa, pois permite aos alunos compreenderem a construção dos sentidos nos textos e suas relações com outros discursos. Ao incorporar a intertextualidade nas práticas pedagógicas, os educadores promovem uma aprendizagem mais significativa e crítica, alinhada às competências e habilidades propostas pela BNCC.

2.2 INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE: RELAÇÃO COM AS OBRAS *VIDAS SECAS* E *TORTO ARADO*

José Luiz Fiorin (2005) distingue intertextualidade e interdiscursividade, ressaltando que nem toda conexão literária se dá por meio de referências explícitas. Enquanto a intertextualidade trata de citações, paráfrases ou alusões diretas entre textos, a interdiscursividade ocorre quando discursos distintos se entrecruzam e ressignificam-se dentro de determinado contexto histórico e social. Como aponta

Fiorin (2005, p. 54), a interdiscursividade permite que um discurso se constitua a partir de elementos de outros discursos, sem necessariamente citá-los de forma evidente".

A afirmação de Fiorin ressalta a complexidade das relações discursivas ao destacar que a interdiscursividade vai além da simples citação explícita, configurando-se como um processo dinâmico em que discursos distintos se entrelaçam e se transformam mutuamente. Esse entrecruzamento de discursos ocorre no interior de um contexto histórico e social específico, o que implica que o significado de um discurso é constantemente ressignificado e negociado conforme as condições socioculturais em que se manifesta. Assim, a interdiscursividade³ reflete a natureza polifônica da linguagem, na qual as vozes e perspectivas múltiplas dialogam e influenciam-se, possibilitando a construção de sentidos complexos e multifacetados. No âmbito da análise literária e linguística, reconhecer essa característica é fundamental para compreender como os textos não são entidades isoladas, mas sim produtos de uma teia discursiva que incorpora, subverte e reelabora referências, valores e ideologias presentes em diferentes discursos sociais.

Com base nesse conceito, podemos afirmar que *Torto Arado* dialoga com *Vidas Secas* não por meio de alusões explícitas, mas pela inserção em uma tradição literária de denúncia social. Essa abordagem corrobora a ideia de que os textos são moldados não apenas por outros textos, mas pelo contexto cultural e histórico em que são produzidos e recebidos. A literatura, nesse sentido, se configura como um espaço de resistência, permitindo que autores de diferentes épocas e contextos tragam à tona problemáticas sociais recorrentes, estabelecendo um diálogo contínuo dentro da tradição literária brasileira.

A intertextualidade, ao revelar as múltiplas conexões entre os textos, reforça a ideia de que a literatura e a comunicação são processos dinâmicos e interdependentes. Compreender essas interações permite não apenas uma análise mais profunda das obras literárias, mas também um ensino de leitura e escrita mais eficaz. Além disso, a distinção entre intertextualidade e interdiscursividade, proposta por Fiorin, amplia nossa percepção sobre as formas como diferentes textos dialogam entre si, enriquecendo a interpretação crítica dos discursos na literatura e na

³ A interdiscursividade na teoria bakhtiniana expressa-se na palavra do outro, a qual é inerente à prática discursiva, o que a torna fundamental na análise de qualquer discurso, pois na medida em que enunciamos estamos respondendo, tomando uma posição social avaliativa frente a outras posições, e é disso que decorre a orientação dialógica da linguagem

sociedade. No caso de *Vidas Secas* e *Torto Arado*, essa relação se dá no nível da interdiscursividade, evidenciando como a literatura pode ser um meio de ressignificação das desigualdades estruturais e de resistência diante das injustiças sociais.

3 A LINGUAGEM, A ESCRITA E SUA ESTRUTURA DE PODER

A linguagem é mais do que um simples meio de comunicação; ela é também um instrumento de poder, capaz de moldar comportamentos, definir identidades e regular hierarquias sociais. A escrita, como extensão da linguagem, assume um papel crucial nesse processo, transformando-se em um mecanismo central para perpetuar ou contestar estruturas de dominação. Para Foucault (1979) o poder é uma prática social constituída historicamente, de acordo com o mesmo: Captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam [...] Em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício (Foucault, 1979, p.182).

Essa abordagem implica que as relações de poder não são exclusivamente estatais, mas permeiam todas as esferas da vida social. O poder opera nas famílias, nas escolas, nas empresas, e em qualquer outro contexto onde existam relações humanas. Por exemplo, a dinâmica entre professor e aluno, ou entre membros de uma comunidade, são todas influenciadas por relações de poder. Foucault sugere que essas microrrelações de poder são fundamentais para entender como o poder é exercido e reproduzido na sociedade. Ele nos convida a perceber o poder não como uma estrutura rígida, mas como uma prática onipresente e multifacetada que se manifesta em todas as relações sociais. Desafiando-nos a examinar como o poder é exercido em níveis locais e cotidianos, em vez de focar apenas nas grandes instituições estatais. Essa perspectiva amplia nossa compreensão das dinâmicas de poder e nos permite ver como as ações e interações individuais contribuem para a manutenção e transformação das relações de poder na sociedade.

Para Marina Yaguello⁴ na introdução da obra de Bakhti intitulada *marxismo e filosofia da linguagem* destaca que:

Bakhtin coloca igualmente em evidência a inadequação de todos os procedimentos de análise lingüística (fonéticos, morfológicos e sintáticos) para dar conta da enunciação completa, seja ela uma palavra, uma frase ou uma seqüência de frases. A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou

⁴ Marina Yaguello, nascida em 19 de maio de 1944 em Paris, é uma linguista francesa, professora emérita da Universidade Paris-VII. Agrégée em inglês e falante nativa de russo, ela trabalha com o francês, o inglês e o wolof.

exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um “horizonte social”. Há sempre um interlocutor, ao menos potencial. O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido. “A filosofia marxista da linguagem deve colocar como base de sua doutrina a enunciação, como realidade da língua e como estrutura sócio-ideológica. (Yaguello, 2006, p.9).

Na citação, a autora chama a atenção para uma das principais contribuições de Bakhtin à teoria da linguagem: a crítica aos métodos tradicionais da linguística, que focam apenas em aspectos formais, como os sons (fonética), as formas das palavras (morfologia) e a estrutura das frases (sintaxe). Para Bakhtin, esses métodos são insuficientes para compreender a enunciação — ou seja, o ato concreto de dizer algo em uma situação real. Ele propõe que a enunciação é sempre uma resposta ou uma continuação de um diálogo social. Isso significa que toda fala está ligada a outras falas e acontece dentro de um contexto específico, com objetivos, valores e relações sociais envolvidas.

A enunciação, para Bakhtin⁵, pode ser tanto um diálogo com os outros quanto um diálogo interior (com nós mesmos), mas em ambos os casos ela é social e ideológica por natureza. Isso porque cada pessoa que fala carrega consigo um “horizonte social”, ou seja, uma visão de mundo formada por sua posição na sociedade, suas experiências, crenças e valores. Assim, nunca falamos no vazio: há sempre um interlocutor — mesmo que imaginado — e um contexto social em que o discurso se insere. Por isso, defende que uma verdadeira filosofia marxista da linguagem deve partir da enunciação como ponto central. Isso significa entender a linguagem como prática viva, situada historicamente, moldada pelas relações sociais e carregada de ideologia. Em vez de estudar a língua como um sistema isolado de regras, é preciso analisá-la como discurso, como forma de interação social que reflete e constrói a realidade.

Desde a antiguidade, sistemas escritos foram utilizados para registrar leis, consolidar tradições e estabelecer a autoridade de governos e instituições, delimitando quem tem acesso ao conhecimento e, conseqüentemente, ao poder. Assim, as relações entre linguagem, escrita e poder não são neutras, mas refletem as

⁵ Para Bakhtin, a enunciação é o produto linguístico-discursivo que se constitui a partir da interação entre dois ou mais indivíduos socialmente organizados. O enunciado é uma unidade real definida pela alternância dos sujeitos do discurso no âmbito de um determinado campo discursivo. A enunciação é o ato de fala e só é possível mediante a interação verbal entre os sujeitos, inserido em um contexto significativo

dinâmicas de controle e exclusão presentes em diferentes contextos históricos e sociais.

A escrita, em especial, consolida essa dominação ao regular o acesso ao conhecimento e à participação social. Como destaca Maurizio Gnerre ⁶(2009) em seu livro intitulado *Linguagem, escrita e poder*, “o controle da escrita sempre esteve nas mãos daqueles que detêm o poder político e econômico, servindo como um instrumento para consolidar a hegemonia e silenciar vozes dissidentes”. Assim, a normatização da linguagem escrita define quais discursos são legitimados e quais são marginalizados, ainda de acordo com Gnerre (2009):

O poder das palavras é enorme, especialmente o poder de algumas palavras, talvez poucas centenas, que encerram em cada cultura, mais notadamente nas sociedades complexas como as nossas, o conjunto de crenças e valores aceitos e codificados pelas classes dominantes (Gnerre, 2009, p.20).

Esse poder linguístico é especialmente evidente quando certos termos se tornam indiscutíveis, sendo aceitos como verdades incontestáveis. Ao regular quais discursos têm valor e quais são marginalizados, a linguagem escrita em particular, não só transmite informação, mas reforça as estruturas de poder. Portanto, entender como essas palavras-chave moldam crenças é essencial para compreender os mecanismos sutis por meio dos quais a dominação social acontece.

Historicamente, instituições políticas e educativas usaram a escrita para impor leis e validar sua autoridade. No entanto, a linguagem também é espaço de resistência, onde novas formas de expressão surgem para desafiar normas estabelecidas. Movimentos sociais mostram que, embora controlada, a linguagem não é fixa, podendo ser reapropriada e usada como ferramenta de transformação. Conforme Bakhtin (2006)

A língua existe não por si mesma, mas somente em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta. É apenas através da enunciação que a língua toma contato com a comunicação, imbuí-se do seu poder vital e torna-se uma

⁶ Maurizio Gnerre é um professor pleno de Linguística Antropológica na Universidade de Nápoles "L'Orientale". Ele se especializa em línguas amazônicas e tem foco na língua em sociedades de pequena escala. Além disso, ele foi consultor das Nações Unidas sobre culturas indígenas e minoritárias².

realidade. As condições da comunicação verbal, suas formas e seus métodos de diferenciação são determinados pelas condições sociais e econômicas da época.

As condições mutáveis da comunicação socio verbal precisamente são determinantes para as mudanças de formas que observamos no que concerne à transmissão do discurso de outrem. (Bakhtin, 2006, p. 160.) Dado o exposto, compreender essa relação entre linguagem, escrita e poder permite ver como essas dinâmicas reproduzem desigualdades, mas também abrem caminhos para contestação e mudança. As estruturas sociais e econômicas moldam a forma como a língua é utilizada, influenciando quem tem acesso ao poder e como esse poder é exercido e contestado.

A linguagem, portanto, não é apenas um meio de comunicação, mas também um instrumento de poder que reflete e afeta as relações sociais e as estruturas de poder existentes. Ao entender esses processos, é possível identificar maneiras de usar a linguagem para desafiar e transformar essas estruturas, promovendo uma sociedade mais justa e equitativa. A análise das intersecções revela um fenômeno social de grande complexidade e dualidade. A linguagem, mais do que um simples meio de comunicação, atua como uma força poderosa que molda identidades e regula hierarquias sociais. Nesse contexto, a escrita desempenha um papel fundamental, solidificando essas dinâmicas ao estabelecer quem tem acesso ao conhecimento e à voz nas diversas esferas da sociedade. É essencial reconhecer que a linguagem não é um espaço totalmente controlado; pelo contrário, ela também se configura como um campo fértil para a resistência e a reinvenção. Nesse sentido, novas narrativas e formas de expressão emergem, desafiando e potencialmente transformando as estruturas de poder existentes. Portanto, ao explorarmos essas relações, não apenas desvelamos as raízes das desigualdades sociais, mas também nos deparamos com as diversas possibilidades de contestação e mudança que a linguagem, em sua multiplicidade, nos oferece.

3.1 PODER, SUBMISSÃO E RESISTÊNCIA NA LINGUAGEM: UMA LEITURA DE VIDAS SECAS E TORTO ARADO

Michel Foucault, em *Microfísica do Poder* (1979), redefine a noção de poder ao afastá-la de uma estrutura rígida e centralizada, como aquela exercida exclusivamente

pelo Estado, para compreendê-la como uma rede de relações difusas e capilares, atravessando todas as instâncias da vida social. O autor argumenta que "o poder se exerce antes de se possuir" (Foucault, 1979, p. 183), ou seja, não é um objeto estático que pertence a um grupo ou indivíduo, mas um mecanismo dinâmico que se manifesta nas interações cotidianas. Essa concepção foucaultiana é fundamental para analisar como a linguagem opera como instrumento de dominação e resistência nos romances *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior.

Nos dois romances, a linguagem – ou sua negação – é um reflexo das relações de poder que estruturam a vida dos personagens. Em *Vidas Secas*, a aridez da fala e do pensamento das personagens é resultado direto de um sistema opressor que lhes nega não apenas a terra, mas também os meios simbólicos para reivindicá-la.

Fabiano, Sinhá Vitória e seus filhos são marcados por um vocabulário restrito, repleto de lacunas e silêncios, o que evidencia a forma como o poder opera para limitar suas possibilidades de expressão e, conseqüentemente, de resistência. Para Foucault, "o discurso não é apenas aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, e pelo que, se luta: o discurso é o poder que se quer tomar" (Foucault, 1979, p. 10). Assim, a precariedade discursiva de Fabiano não é uma falha individual, mas um reflexo da estrutura social que suprime sua capacidade de articular uma contra-narrativa.

De maneira semelhante, *Torto Arado* apresenta personagens que vivem sob uma estrutura de poder que, além da opressão econômica e política, impõe um silenciamento histórico e linguístico. A personagem Bibiana, por exemplo, compreende que a luta por direitos e pela terra exige também a recuperação de sua voz e de sua memória coletiva, resgatando histórias apagadas pela violência do latifúndio e da escravidão. Como argumenta Foucault, "onde há poder, há resistência" (Foucault, 1979, p. 95), e é nessa possibilidade de insurgência que *Torto Arado* e *Vidas Secas* se encontram: ambas as narrativas expõem sujeitos marginalizados que, mesmo em um contexto de submissão, encontram maneiras de resistir.

Seja através do silêncio eloquente de Fabiano ou da luta simbólica e concreta de Bibiana e Belonísia, as obras revelam que a linguagem não é apenas um reflexo do poder, mas também um campo de disputa.

Dessa forma, a leitura foucaultiana permite compreender como a linguagem, ao mesmo tempo que reforça estruturas de dominação, também abre brechas para a contestação e a transformação social. Tanto Graciliano Ramos quanto Itamar Vieira

Júnior constroem narrativas que denunciam a perpetuação da desigualdade por meio do silenciamento e da exclusão discursiva, mas também apontam caminhos para a resistência. Se Fabiano, em sua limitação linguística, já demonstra uma rebeldia incipiente contra sua condição de miséria, Bibiana e Belonísia avançam na construção de uma consciência histórica, demonstrando que a palavra e o direito de usá-la é um dos mais potentes instrumentos de luta.

3.2 A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE CONTROLE E RESISTÊNCIA

Luiz Antônio Marcuschi⁷, em *O papel da atividade discursiva no exercício do controle social*, defende a ideia de que a linguagem ultrapassa os limites da comunicação cotidiana e se revela como uma prática social imbricada nas estruturas de poder. O autor argumenta que o discurso exerce papel crucial na construção de subjetividades e na manutenção ou contestação das relações sociais.

Dessa forma, o controle social se realiza não apenas por meio de ações materiais ou institucionais, mas também pela regulação simbólica que se dá através da linguagem. Marcuschi destaca que os discursos dominantes estabelecem padrões de comportamento, formas de ver o mundo e de se posicionar nele. Assim, controlar o discurso significa, em alguma medida, controlar o pensamento e a ação social. Nesse sentido, o autor afirma: “Controlar o discurso é controlar o modo como o mundo é representado e como os sujeitos são posicionados frente a ele.” (MARCUSCHI, 2004, p. 10). Essa perspectiva é fundamental para pensar as personagens de *Vidas Secas* e *Torto Arado*, cujas vozes são, muitas vezes, silenciadas ou marginalizadas dentro dos contextos sociais em que estão inseridas. Em *Vidas Secas*, por exemplo, a ausência de linguagem elaborada e o mutismo da personagem Fabiano revelam não uma incapacidade, mas uma condição imposta por um sistema que exclui e desumaniza.

A precariedade da linguagem é, portanto, reflexo do controle social a que esses sujeitos estão submetidos. Em *Torto Arado*, por outro lado, a resistência se constrói a partir do resgate da voz e da memória coletiva. A narrativa de Itamar Vieira Júnior revela que, mesmo sob o peso do silêncio histórico imposto aos trabalhadores rurais,

⁷ Luiz Antônio Marcuschi foi um linguista e professor universitário brasileiro conhecido especialmente por seus trabalhos sobre linguística textual, gêneros textuais e análise da conversação.

o discurso pode se tornar arma de resistência. A linguagem que emerge das personagens é carregada de ancestralidade e denúncia, o que dialoga diretamente com a ideia de Marcuschi de que o discurso pode servir tanto para o controle quanto para a subversão da ordem social vigente.

4 ANÁLISE DE DADOS

Esta seção tem como objetivo central desenvolver uma análise comparativa de caráter temático entre os romances *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, com base em eixos que se entrecruzam de maneira significativa nas duas narrativas: a pobreza estrutural, a exclusão social, o silenciamento simbólico e a resistência como forma de sobrevivência. Partindo do pressuposto de que a literatura não apenas reflete realidades sociais, mas também as interroga e ressignifica, busca-se aqui evidenciar como esses romances constroem discursos críticos acerca das condições históricas de marginalização no Brasil.

Ambas as obras se localizam, ainda que em tempos e geografias distintas, no campo da literatura social comprometida, cuja função extrapola o entretenimento e assume um papel ético e político na denúncia das desigualdades estruturais e das formas de apagamento simbólico que afetam populações historicamente subalternizadas. *Vidas Secas*, publicado em 1938, em pleno ciclo modernista da literatura brasileira, apresenta um retrato cru e minimalista da existência dos retirantes sertanejos nordestinos. Já *Torto Arado*, publicado em 2019, recupera e atualiza questões sociais semelhantes, deslocando o foco para comunidades quilombolas do sertão da Bahia, e evidenciando como a herança da escravidão ainda reverbera nas relações fundiárias, na linguagem e na organização da vida rural brasileira.

A análise será organizada em quatro subseções que, embora distintas, dialogam entre si em um movimento de aprofundamento crítico, no primeiro momento buscará apresentar os principais elementos socioculturais, históricos e narrativos que aproximam os dois romances, lançando luz sobre as condições de produção dos textos e as intenções estéticas e políticas dos autores. Em seguida, focalizará as formas pelas quais o espaço rural e a precariedade material atuam como fatores de exclusão dos sujeitos retratados, articulando as imagens da seca, do latifúndio e do nomadismo como metáforas da privação e do desamparo.

Em seguida, abordará os modos como o silêncio, seja ele literal, simbólico ou linguístico opera como ferramenta de dominação, mas também como espaço de resistência e ressignificação. Aqui, a linguagem será analisada como um campo de disputa e poder, em que o acesso à palavra e à representação é negado ou distorcido como forma de controle social. Em seguida o diálogo trechos selecionados de ambos os romances, de modo a evidenciar como estilos literários distintos podem convergir

em uma crítica social contundente e em uma denúncia persistente das desigualdades brasileiras. E por fim busca analisar como ambos os desfechos das obras abrem para o espaço da educação como uma esperança de futuro.

Por meio dessa estrutura analítica, pretende-se revelar não apenas os paralelismos temáticos entre *Vidas Secas* e *Torto Arado*, mas também as estratégias discursivas empregadas por seus autores para representar o sofrimento e a resistência dos sujeitos marginalizados. A análise de dados literários aqui proposta adota, portanto, um enfoque que considera a literatura como espaço privilegiado de enunciação das vozes silenciadas pela história oficial. Inspirados por teóricos como Julia Kristeva, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin, compreende-se que o texto literário é atravessado por múltiplas vozes e que sua interpretação crítica pode contribuir para a problematização de categorias como poder, identidade e pertencimento. A intertextualidade temática entre os romances analisados será entendida não apenas como um recurso estilístico, mas como manifestação de um compromisso ético com os sujeitos invisibilizados, cujas histórias são resgatadas e reconfiguradas através da literatura.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO NARRATIVA: APROXIMAÇÕES ENTRE *VIDAS SECAS* E *TORTO ARADO*

A aproximação entre *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, ultrapassa o mero compartilhamento de um cenário rural nordestino. Embora separados por mais de oito décadas, os dois romances estabelecem um diálogo literário profundo que revela não só a permanência histórica da desigualdade social no Brasil, mas também a atualização das formas de resistência frente a estruturas opressoras. Como observa Antônio Candido (2000), a literatura brasileira, sobretudo a que emerge dos espaços periféricos, tem a função de “dar voz aos que não têm voz”, o que se concretiza com força tanto nas figuras silenciadas de Graciliano quanto nas personagens espiritualmente e socialmente marginalizadas de Itamar.

A crítica já apontou que *Vidas Secas* figura como um marco da prosa de 1930, fortemente influenciada pelo projeto regionalista de denúncia social, enquanto *Torto Arado*, ainda que contemporâneo, ecoa esse mesmo impulso ao construir uma narrativa que mistura oralidade, ancestralidade e denúncia das heranças do

colonialismo. Assim como *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e *Os Fuzis*, de José J. Veiga, as obras em questão exploram o sertão não apenas como espaço geográfico, mas como território simbólico de disputas sociais e culturais. Além disso, a linguagem de cada autor, ainda que distinta, revela um projeto literário comprometido com a expressão das contradições do Brasil profundo: Graciliano opta por uma sintaxe seca e por vezes brutal, acompanhando o despojamento da vida de seus personagens, ao passo que Itamar constrói uma tessitura poética, sem abrir mão do teor político.

A convergência entre essas obras pode ser pensada, ainda, à luz da teoria da intertextualidade proposta por Kristeva (2005), segundo a qual todo texto é uma absorção e transformação de outros textos, nesse sentido, *Torto Arado* funciona quase como um eco contemporâneo das tensões e silenciamentos já estruturados em *Vidas Secas*, mas também como um gesto de reinscrição crítica, reimaginando o sertão com outras perspectivas de identidade, gênero e espiritualidade. Essa proximidade, portanto, não se dá apenas por afinidades temáticas, mas por uma continuidade histórica e estética que enraíza ambas as narrativas em uma tradição de denúncia e resistência literária no Brasil.

Enquanto Graciliano Ramos apresenta uma família de retirantes em constante movimento, presa à seca e ao silêncio, Itamar Vieira Júnior constrói um enredo marcado por tradições afrodescendentes, heranças coloniais e a luta pela terra. Essa contextualização mais específica é fundamental para a compreensão dos dados que serão analisados nas seções seguintes. A intertextualidade temática entre *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, evidencia-se de forma contundente na representação da linguagem como mecanismo de exclusão social e de animalização do ser humano. Ambos os trechos selecionados ilustram como os protagonistas, Fabiano e Belonísia, enfrentam severas dificuldades comunicativas, que extrapolam o campo linguístico e se enraízam nas estruturas sociais excludentes que os moldam.

Em *Vidas Secas*, Fabiano é representado como um sujeito embrutecido pela seca e pela miséria, cuja relação com o mundo é marcada por uma linguagem rudimentar e instintiva, mais próxima do reino animal do que do humano:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado,

confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos — exclamações, onomatopeias. Na verdade, falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas (Ramos, 2006, p. 16).

Esse trecho evidencia a brutalidade da vida sertaneja e a distância entre o homem do campo e a civilização urbana. Da mesma forma, em *Torto Arado*, Belonísia expressa sua relação de marginalização a partir da dificuldade de comunicação verbal, consequência de um trauma físico que comprometeu sua fala. A perda parcial da língua a condena ao silêncio, o que contribui para a construção de uma subjetividade marcada pela timidez, pelo isolamento e pela dor: “Mas continha o querer, me lembrava de minha condenação ao silêncio, da minha timidez rude, arisca, que me fazia selvagem e afastava as pessoas” (Vieira Júnior, 2019, p. 107). Ambas as obras trabalham a linguagem não apenas como instrumento de comunicação, mas como índice de pertencimento social. A intertextualidade aqui se dá não por meio da repetição formal ou estilística, mas pela reiteração de um mesmo campo temático, o silenciamento como reflexo da opressão histórica.

Conforme Kristeva (1974), intertextualidade refere-se ao “conjunto de relações que um texto mantém com outros textos”, permitindo que os significados se construam a partir do diálogo entre diferentes vozes textuais. Nesse sentido, *Vidas Secas* e *Torto Arado* estabelecem um diálogo potente ao retratarem personagens cuja identidade é constantemente negada ou animalizada por conta da precariedade na linguagem. Tanto Fabiano quanto Belonísia encontram-se à margem de um sistema social que associa a fala articulada e a educação formal ao poder.

O silenciamento que os aflige é mais do que a ausência da palavra: é uma forma de desumanização. Conforme Foucault (1996), a linguagem é também um campo de disputa de poder, e quem não domina a linguagem hegemônica permanece excluído das esferas decisórias e simbólicas da sociedade. Nesse contexto, a animalização dos personagens torna-se uma metáfora do seu não pertencimento ao universo letrado e civilizado. Fabiano “confundia-se com o cavalo”, enquanto Belonísia era “selvagem” e “arredia”. Ambas as imagens remetem a uma existência subumana, na qual a ausência da linguagem plena impede o reconhecimento social e a

autonomia. Portanto, a intertextualidade entre os dois trechos revela um núcleo temático comum: o silenciamento como forma de violência e a linguagem como ferramenta de exclusão e resistência. Em ambos os romances, a dificuldade comunicativa dos personagens não é uma limitação individual, mas um sintoma das estruturas sociais que os moldam e os marginalizam.

4.2 A TERRA E A FOME: POBREZA, EXCLUSÃO E MARGINALIZAÇÃO SOCIAL

As formas pelas quais a pobreza e a exclusão social se manifestam nas obras analisadas, com destaque para as relações dos personagens com a terra. Em *Vidas Secas*, a seca e o nomadismo revelam a precariedade da vida dos retirantes nordestinos, reforçada pela fala reprimida e pela submissão silenciosa ao sistema opressor. Já em *Torto Arado*, a terra surge como símbolo de disputa e esperança, ao mesmo tempo em que perpetua a condição de servidão dos trabalhadores submetidos a um regime de trabalho análogo à escravidão. A análise busca evidenciar como a exclusão social e a ausência de pertencimento territorial são elementos estruturantes das duas narrativas. Em *Vidas Secas*, o protagonista Fabiano vive à mercê de uma seca implacável, percorrendo paisagens inóspitas sem destino certo. A terra, em vez de representar um lugar de pertencimento ou produção, é um obstáculo árido que castiga os corpos e molda comportamentos. Em dado momento, o narrador revela o ressentimento do personagem diante da miséria e sua tendência a transferir a culpa pela própria condição:

Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário — e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde. Tinham deixado os caminhos, cheios de espinho e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés (Ramos, 2006, p. 10).

Aqui, a seca é mais que um fenômeno climático: ela simboliza a estrutura de exclusão e opressão que rege a vida dos retirantes. A raiva contida de Fabiano, canalizada equivocadamente para o filho, traduz o desamparo de quem não encontra culpados visíveis, embora esteja subjugado por uma ordem social excludente e desigual. A mesma lógica aparece em *Torto Arado*, quando o pai de Belonísia

descreve as condições impostas pelo gerente da fazenda. A terra, nesse caso, também não representa liberdade ou autonomia, mas um território controlado pelo latifundiário, onde só se permite o cultivo de subsistência e a permanência é condicionada à servidão:

O gerente queria trazer gente que ‘trabalhe muito’ e ‘que não tenha medo de trabalho’, nas palavras de meu pai, ‘para dar seu suor na plantação’. Podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse o tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a morada. Podia trazer mulher e filhos, melhor assim, porque quando eles crescessem substituiriam os mais velhos. Seria gente de estima, conhecida, afilhados do fazendeiro. Dinheiro não tinha, mas tinha comida no prato (Vieira Júnior, 2019, p. 41).

A semelhança entre os dois contextos é evidente: em ambos os casos, os personagens vivem em regimes de trabalho coercitivo, nos quais a terra não é um bem que liberta, mas um instrumento de controle. A moradia é tolerada, não garantida; o trabalho é explorado, não remunerado com justiça; e a presença das famílias na terra é temporária e subordinada à vontade do fazendeiro ou ao ciclo da seca.

O intertexto presente entre essas narrativas revela, assim, uma crítica social contundente à permanência de relações fundiárias arcaicas no Brasil, herdeiras diretas do sistema escravocrata. Como afirma Alfredo Bosi (1992), “o ciclo da pobreza na literatura brasileira do sertão é mantido por estruturas oligárquicas que perpetuam a servidão sob novas formas”. Citação que fica evidente ambas as obras, portanto, convergem na denúncia de uma realidade em que sobreviver é o único horizonte possível. A terra não gera progresso ou dignidade, mas apenas a continuidade da existência em condições mínimas. E esse sobreviver, como bem sugerem os dois trechos citados anteriormente, exige a naturalização da exploração, o silenciamento da revolta e, muitas vezes, a interiorização da culpa por um sofrimento que é estrutural.

Em seus respectivos contextos, a dificuldade de acessar a fala articulada ou a linguagem socialmente valorizada representa uma espécie de mutilação simbólica que reforça a condição de subalternidade das personagens. A impossibilidade de se expressar plenamente revela-se como um sintoma e um efeito da violência estrutural a que estão submetidas. Existe um diálogo intertextual que revela as múltiplas dimensões da exploração social, do silenciamento e da resistência dos sujeitos

subalternos. Apesar das diferenças temporais e contextuais entre as duas obras, o sertão nordestino da década de 1930 e o recôncavo baiano contemporâneo, ambas tratam da mesma problemática estrutural que atravessa a história do Brasil: a opressão dos trabalhadores rurais, o exaurimento físico e psicológico a que são submetidos e o esforço pela afirmação de suas vozes em meio à marginalização.

No trecho de *Vidas Secas*, Fabiano, o personagem central, expressa uma sensação de impotência e isolamento diante das circunstâncias que o oprimem:

Ele não podia explicá-las, mas havia. Fossem perguntar a seu Tomás, que lê livros e sabia onde tinha as vendas. Seu Tomás da bolandeira contaria aquela história. Fabiano, um bruto, não contava nada. So queria voltar para junto de Sinhá Vitória, deitar-se na cama de varas. Por que vinham bulir com um homem que só queria descansar? Deviam bulir com outros (Ramos, p. 26).

A fala de Fabiano revela o seu silenciamento não apenas pela falta de conhecimento ou alfabetização “ele não podia explicá-las” mas sobretudo pela opressão social que lhe nega espaço de fala e agência. O termo “bruto”, usado para designar Fabiano, reforça o estigma da ignorância e da exclusão social, sinalizando a figura do sertanejo como um sujeito invisibilizado e marginalizado. Ele “não contava nada”, o que expressa uma resignação dolorosa diante da impossibilidade de narrar sua própria história ou de contestar sua condição. Seu desejo elementar “só queria descansar” pode ser entendido como uma metáfora para o limite extremo da resistência humana, quando o desgaste físico e emocional bloqueia qualquer reação ativa contra a opressão.

Essa percepção do silêncio como forma de dominação encontra suporte nas reflexões de Michel Foucault (1975), que evidencia como o poder atua não só pela violência direta, mas pela normatização dos discursos, controlando quem pode falar e quem deve permanecer calado. Para Foucault, a exclusão do discurso é uma técnica fundamental do poder, que produz “sujeitos silenciosos” e mantém as estruturas hierárquicas intactas. No caso de Fabiano, o poder patriarcal e socioeconômico atua justamente para mantê-lo em seu lugar subalterno, impedindo a emergência de sua voz. No entanto, a exclusão do discurso não significa ausência total de resistência. James C. Scott (1990), em sua obra *Dominação e Artes da Resistência*, mostra que a resistência dos oprimidos pode se manifestar de formas veladas, sutis e indiretas, como o silêncio estratégico, a recusa velada ou o afastamento. Fabiano, ao preferir

não “contar nada” e “só querer descansar”, opera uma forma de resistência resignada que, embora passiva, não deixa de ser um gesto de recusa diante da exploração incessante. No trecho de *Torto Arado*, a voz da jovem narradora revela uma consciência crítica da opressão, ainda que marcada por limites temporais e contextuais: “Aquele sistema de exploração já estava claro para mim. Mas eu era muito nova e aquele não seria o momento, muito menos as circunstâncias adequadas para partir.” (Vieria Júnior, p. 83) Aqui, há uma diferenciação importante: diferente de Fabiano, cuja resistência se apresenta como um silêncio resignado, a narradora de *Torto Arado* apresenta uma consciência emergente da estrutura de exploração “aquele sistema de exploração já estava claro para mim” que se configura como um primeiro passo para a construção de uma voz e de um sujeito político.

Contudo, essa consciência está condicionada por limitações de idade, momento e ambiente: “eu era muito nova e aquele não seria o momento”, indicando que a resistência se processa também no tempo da história, na expectativa de uma oportunidade para agir.

A resistência, portanto, não é imediata, mas um processo gradual de organização e luta que precisa de um contexto favorável para se realizar. Além disso, a reflexão da narradora sobre o momento inadequado para partir aponta para a ideia de que a resistência das classes subalternas muitas vezes se expressa por meio de estratégias de espera e preparação, reforçando a perspectiva sobre formas ocultas ou adiadas de resistência. Tanto Fabiano quanto a jovem narradora estão inseridos nessa condição subalterna, mas enquanto Fabiano está silenciado e resignado, a jovem demonstra o início de uma ruptura, com a consciência da exploração e a potencial emergência de um discurso próprio.

Ainda, a crítica social presente em ambas as obras também remete ao conceito de “violência simbólica” de Pierre Bourdieu (1989), que mostra como as estruturas sociais legitimam a dominação através de mecanismos sutis, naturalizando a desigualdade e o sofrimento dos grupos subalternos. O “sistema de exploração” a que a narradora de *Torto Arado* se refere e a condição de “bruto” de Fabiano são exemplos dessa violência simbólica, que constrói sujeitos resignados e invisíveis dentro da lógica dominante. Por fim, é importante ressaltar que tanto *Vidas Secas* quanto *Torto Arado* configuram a literatura como um espaço de resistência discursiva.

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos constrói uma narrativa centrada em personagens marcados pelo silêncio, pela dificuldade de expressão e pelo isolamento

linguístico, traços que se tornam símbolos da exclusão social e da subalternidade. A linguagem ou a falta dela aparece não apenas como um tema, mas como um recurso estético que expõe as barreiras simbólicas impostas pela estrutura social brasileira. Em diferentes momentos da obra, a precariedade da fala se associa à precariedade existencial dos personagens, revelando o quanto a linguagem está implicada na dominação e, paradoxalmente, na resistência.

Fabiano diante de sua incapacidade de se comunicar:

Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava nomes arrevesado por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse... (Ramos, p. 26).

Essa passagem explicita a relação direta entre o silenciamento e a exclusão. Fabiano não domina a norma culta da linguagem, nem possui repertório verbal suficiente para expressar suas emoções e pensamentos mais profundos “não podia arrumar o que tinha no interior”. o sujeito subalterno é, por definição, aquele cuja voz não consegue ser ouvida dentro das estruturas discursivas dominantes.

Fabiano, então, é o exemplo literário do sujeito cuja fala é “arrevesada”, desviada, incapaz de acessar os discursos legitimados pela sociedade letrada. A frustração desse personagem com a própria impotência linguística mostra o quanto a linguagem funciona como instrumento de inclusão ou exclusão, de poder ou submissão. A esse respeito, Foucault (1975) salienta que o discurso é uma forma de poder, pois define o que pode ou não ser dito e por quem. Fabiano é excluído do discurso dominante — jurídico, político, econômico — e essa exclusão relega sua existência ao plano da mera sobrevivência, da animalização.

Como resposta, surge a “embromação⁸”, a fala disfarçada e improvisada que tenta, ainda que fracamente, preencher o vazio entre a experiência vivida e sua impossibilidade de ser verbalizada.

Esse mesmo vazio aparece no segundo trecho, desta vez pela perspectiva de Sinhá Vitória:

Pobre do papagaio. Viajar com ela, na gaiola que balançava em cima do baú de folha. Gaguejava: ‘Meu louro’. Era o que sabia dizer. Fora

⁸ Embromação é um termo que se refere a atrasos propositais, enrolação ou evasivas em relação a um assunto ou compromisso. Geralmente é utilizado para descrever uma atitude de postergar ou evitar uma responsabilidade. Ele fez uma embromação para não entregar o relatório no prazo estipulado

isso, aboiava arremedando Fabiano e latia como Baleia. Coitado. Sinhá Vitória nem queria lembrar-se daquilo. Esquecera a vida antiga, era como se tivesse nascido depois que chegara à fazenda (Ramos, p. 33).

O papagaio, animal que por natureza deveria reproduzir a fala humana, só repete expressões desprovidas de sentido: “Meu louro”, “aboiava”, “latia”. Essa imagem grotesca do papagaio imitador traduz a esterilidade da linguagem naquele ambiente. Não há transmissão de saber, nem troca simbólica autêntica apenas ruídos. A metáfora do papagaio que gagueja, late e aboiava funciona como crítica ao empobrecimento comunicativo provocado pela miséria e pelo isolamento.

Nesse sentido, Pierre Bourdieu (1989), ao teorizar sobre a violência simbólica, mostra como a imposição de uma norma linguística dominante marginaliza aqueles que não a dominam, fazendo-os sentir-se inadequados ou incapazes. A voz do papagaio, nesse contexto, torna-se uma caricatura da voz dos oprimidos, distorcida, sem valor ou reconhecimento. Sinhá Vitória, ao “esquecer a vida antiga”, realiza um apagamento simbólico daquilo que não pode mais ser lembrado nem narrado — o que reforça a ideia de que o esquecimento e o silêncio são, muitas vezes, mecanismos de defesa diante da dor e da exclusão.

Essa mesma lógica aparece no terceiro trecho, em que a criança tenta se apropriar de uma palavra nova:

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na caatinga, roçando-se. [...] Agora tinha tido a ideia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de sinhá Terta. Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. [...] Inferno, inferno. Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim (Ramos, p. 45).

Diante do exposto a linguagem surge como um objeto de desejo e, ao mesmo tempo, como um enigma, o menino tenta se apropriar do “inferno”, uma palavra que ele não compreende, mas percebe como potente, significativa, presente no vocabulário dos adultos. Há uma clara tentativa de ascensão simbólica por meio da linguagem, um esforço para sair da condição subalterna através do domínio de um vocábulo novo. No entanto, essa tentativa revela a ingenuidade e a exclusão a que está submetido. A palavra “inferno”, apesar de bela aos ouvidos da criança, é símbolo de sofrimento, o que evidencia a distância entre o signo e seu significado para quem

não domina os códigos sociais. O menino, ao tentar memorizar e ensinar a palavra, age contra a lógica da submissão, tentando acessar um saber que lhe é negado. Mesmo que de maneira precária, ele busca inscrever-se na linguagem, criar um vínculo com o mundo simbólico dos adultos, e assim afirmar uma presença.

Também Bakhtin (1997), ao refletir sobre a linguagem na literatura, aponta que todo discurso é polifônico e que as palavras carregam ecos de outros discursos e contextos. A palavra “inferno”, que o menino aprende de ouvido, traz consigo um universo simbólico que ele não compreende, mas deseja incorporar. Isso revela a tensão entre a linguagem viva dialógica⁹, experimental¹⁰ e a linguagem institucionalizada¹¹, cuja autoridade ele ainda não compreende, mas busca imitar. Conforme a concepção de Bakhtin (1997), os textos literários são dialogicamente construídos, capazes de incorporar vozes múltiplas e subverter discursos hegemônicos. Assim, essas narrativas não só representam a exploração e o silenciamento dos trabalhadores rurais, mas também atuam como forma de insurgência, dando visibilidade e voz às suas experiências e criando possibilidades para a resistência e a transformação social.

4.3 VOZES CALADAS: SILENCIAMENTO E RESISTÊNCIA DOS SUJEITOS OPRIMIDOS

Ambas as obras evidenciam a presença do silenciamento como mecanismo de opressão, mas também como espaço de resistência. Em *Vidas Secas*, o silêncio de Fabiano não é apenas sintoma da miséria, mas uma forma de preservar sua dignidade diante de uma linguagem que não o contempla. Bibiana, por sua vez, resguarda em si segredos que não podem ser ditos, numa sociedade que não lhe concede voz. Em *Torto Arado*, o silêncio é literal, uma das personagens principais não possui a fala, o

⁹ A linguagem dialógica é uma abordagem que coloca a comunicação e a interação no centro do processo de aprendizado. Baseada nos conceitos do filósofo Mikhail Bakhtin, ela valoriza o diálogo como forma de construção do conhecimento, promovendo uma troca ativa entre o estudante e o conteúdo.

¹⁰ A psicolinguística experimental tem como objetivo básico descrever e analisar a maneira como o ser humano compreende e produz linguagem, observando fenômenos linguísticos relacionados ao processamento da linguagem

¹¹ A linguagem institucionalizada está relacionada às práticas de linguagem em domínios como o jurídico e à construção social. Ela fixa pautas de convívio social, distribui conhecimento e reforça consensos institucionais

que se converte em metáfora da marginalização histórica do povo negro e pobre no Brasil. Ainda assim, tanto Fabiano quanto as mulheres de *Torto Arado* resistem à invisibilidade por meio de gestos, rituais, memórias e ações que desafiam o apagamento. No romance de Graciliano Ramos, Fabiano enxerga na fala culta um ideal inalcançável, uma linguagem “outra” que não lhe pertence. Ele tenta imitá-la em momentos de delírio, mas logo reconhece a própria inadequação

Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo. Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censurava aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele. Ah! Quem disse que não obedeciam? Os outros brancos eram diferentes. O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim (Ramos, 2006, p. 18).

Aqui, Fabiano expressa a consciência de sua exclusão social por meio da linguagem. Ele percebe a fala como poder seja na polidez respeitosa de Seu Tomás, seja na brutalidade do patrão, mas se vê desprovido de ambas. Sua tentativa de apropriar-se de uma linguagem mais “elevada” é vista como tola, quase caricata, reforçando a lógica de que a linguagem legítima é privilégio de classes superiores. Segundo Antonio Candido (2000), a literatura de Ramos exprime a “alienação profunda de um ser humano mutilado social e economicamente”, sendo a fala um dos principais indicadores dessa mutilação.

Em *Torto Arado*, o impedimento da linguagem é literal e traumático. Após o acidente com a faca, Belonísia perde parte da língua e, com ela, sua voz. Anos depois, a tentativa de voltar a falar se dá com a palavra “arado”, carregada de memórias e significados afetivos, mas o resultado é frustrante:

Passado muito tempo, resolvi tentar falar, porque estava sozinha me embrenhando na mesma vereda que Donana costumava entrar. Ainda recordo da palavra que escolhi: arado. Me deleitava vendo meu pai conduzindo o arado velho da fazenda carregado pelo boi, rasgando a terra para depois lançar grãos de arroz em torrões marrons e vermelhos revolvidos. [...] O som que deixou minha boca era uma aberração, uma desordem, como se no lugar do pedaço perdido da língua tivesse um ovo quente. Era um arado torto, deformado, que penetrava a terra de tal forma a deixá-la infértil, destruída, dilacerada. Tentei outras vezes, sozinha, dizer a mesma palavra, e depois outras, tentar restituir a fala

ao meu corpo para ser a Belonísia de antes, mas logo me vi impelida a desistir (Vieira Júnior, 2019, p. 127).

Essa passagem é carregada de simbolismo. O “arado torto” que destrói a terra representa também o corpo e a subjetividade mutilados de Belonísia. A linguagem deformada exprime não só a dor física, mas o rompimento com uma identidade anterior. Ambas as obras compartilham, portanto, a visão de que o domínio da linguagem é negado aos que estão à margem das estruturas de poder. Em *Vidas Secas*, a fala truncada de Fabiano evidencia a “animalização” do sertanejo, que se comunica por onomatopeias e gestos. Em *Torto Arado*, a ausência da fala é literal, mas carrega a mesma carga simbólica de exclusão. Em ambos os casos, a linguagem torna-se um território de conflito, reafirmando a ideia de que o acesso à palavra como forma de nomear o mundo e se posicionar nele é também um privilégio negado aos subalternizados.

Nesse sentido, a análise de Bakhtin (1992) sobre a linguagem como arena de luta ideológica é essencial, visto que tanto Fabiano quanto Belonísia, estão inseridos em contextos nos quais a linguagem considerada oficial é aquela falada pelo patrão – no contexto de *Torto Arado* – e a linguagem utilizada na cidade, – no contexto de *Vidas Secas* – que se mostram como uma força opressora que silencia, deslegitima e exclui as linguagens alternativas.

Para aprofundar a análise das temáticas discutidas, esta subseção realizará uma comparação direta entre trechos selecionados de *Vidas Secas* e *Torto Arado*. Serão destacados excertos que revelam, em ambas as obras, o enfrentamento à miséria, a relação com a terra e os modos de resistência ao silenciamento. O cotejo desses fragmentos tem o intuito de evidenciar como, apesar das diferenças de estilo e tempo histórico, os dois romances dialogam entre si ao denunciarem formas persistentes de exclusão social e ao revelarem vozes que, mesmo sufocadas, insistem em existir e resistir. A análise dos trechos de *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, evidencia de maneira contundente como a exclusão educacional está profundamente enraizada nas estruturas sociais brasileiras e como essa exclusão impacta a percepção dos sujeitos sobre a leitura, o conhecimento e sua função social. As duas obras, ainda que escritas em contextos distintos, compartilham uma crítica latente a um sistema educacional excludente e desumanizador, que silencia aqueles que mais precisariam ser ouvidos. No seguinte trecho de *Torto Arado*:

Não me interessava por suas aulas em que contava a história do Brasil, em que falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado. Não aprendi uma linha do Hino Nacional, não me serviria, porque eu mesma não posso cantar. Muitas crianças também não aprenderam, pude perceber, estavam com a cabeça na comida ou na diversão que estavam perdendo na beira do rio, para ouvir aquelas histórias fantasiosas e enfadonhas sobre os heróis bandeirantes, depois os militares, as heranças dos portugueses e outros assuntos que não nos diziam muita coisa. Meu desinteresse só fazia crescer. Tinha a sensação de que perdia meu tempo naquela sala quente, ouvindo aquela senhora de mãos finas e sem calos, com um perfume forte que parecia incensar a escola nos dias de calor (Vieira Júnior, 2019, p. 97).

A narradora afirma “Não me interessava por suas aulas em que contava a história do Brasil, em que falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado”. Logo nessa frase inicial, evidencia-se o descompasso entre o conteúdo ensinado e a realidade dos alunos. A professora apresenta uma narrativa histórica idealizada, que apaga os conflitos, as desigualdades e as violências estruturais vividas pelos povos indígenas, negros e pobres os mesmos que compõem o alunado daquela escola. Tal perspectiva está alinhada com a crítica de Freire (1987), para quem o modelo de educação bancária trata os alunos como recipientes vazios a serem preenchidos com conteúdos descolados de sua realidade. A educação, nesse caso, não liberta; ela oprime, silencia e aliena.

Além disso, a protagonista denuncia a falta de inclusão e acessibilidade: “não aprendi uma linha do Hino Nacional, não me serviria, porque eu mesma não posso cantar”. Sendo muda, a personagem está duplamente marginalizada: primeiro, por pertencer a uma comunidade rural e empobrecida; segundo, por não ter acesso a uma educação que acolha sua condição. O ensino da escola, pautado por uma normalidade hegemônica e padronizada, ignora completamente as necessidades específicas da aluna. O fato de não haver Libras, nem qualquer outro recurso de acessibilidade, é mais um indicativo de que aquela escola, embora fisicamente presente, simbolicamente exclui.

Outro elemento importante é a representação da figura docente. A professora é descrita como uma mulher de “mãos finas e sem calos, com um perfume forte que parecia incensar a escola nos dias de calor”, imagem que sugere uma pessoa alheia à dura realidade vivida pelos alunos. Esse distanciamento simbólico reflete o que

Bakhtin (2003) chamaria de discurso monológico, ou seja, um discurso que não dialoga com o outro, que não escuta, que impõe uma única visão de mundo. Nesse contexto, a escola não é espaço de troca, mas de imposição cultural. Por isso, “meu desinteresse só fazia crescer”, diz a narradora, expressando o sentimento de alienação diante de um sistema educacional que, em vez de acolher, exclui e enfada.

No trecho de *Vidas Secas*, a crítica ao acesso ao saber formal aparece de maneira ainda mais dramática. Fabiano, ao refletir sobre o falecimento de Seu Inácio, se pergunta: “Para que lhe servira tanto livro, tanto jornal? Morreria por causa do estômago doente e das pernas fracas” (Ramos, 2019, p. 25). A indagação revela a percepção de que o conhecimento formal, representado pela leitura, é ineficaz frente às necessidades mais urgentes da existência: a fome, a saúde, a sobrevivência. Fabiano, sujeito marcado pela seca e pela pobreza extrema, não encontra no saber letrado uma resposta para sua condição. Paulo Freire (1989) já advertia que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” e que a alfabetização deve partir da realidade concreta dos sujeitos. Quando isso não ocorre, o conhecimento se torna abstrato, inútil ou inacessível.

Embora Fabiano reconheça seu vocabulário limitado, ele valoriza, mesmo que intuitivamente, o poder da linguagem: “O vocabulário dele era pequeno, mas em horas de comunicabilidade enriquecia-se com algumas expressões de seu Tomás da bolandeira”. Aqui, Graciliano Ramos nos apresenta uma perspectiva sociolinguística: mesmo sem domínio da leitura e da escrita, Fabiano compreende que as palavras — e, mais que isso, a maneira de usá-las — têm valor simbólico e social. Seu Tomás é a figura emblemática do homem que, por dominar o vocabulário e exercer certo poder simbólico, é respeitado: “Seu Tomás era pessoa de consideração e votava. Quem diria?”. A possibilidade de votar, nesse contexto, é carregada de simbolismo: representa pertencimento, cidadania, reconhecimento. Bortoni-Ricardo (2004), ao discutir os letramentos múltiplos, argumenta que o domínio da linguagem escrita está diretamente associado a práticas sociais de poder. Fabiano, embora analfabeto, percebe que Seu Tomás possui uma forma de saber que lhe confere prestígio — mesmo que esse saber não salve da miséria nem da morte.

Ambos os trechos, portanto, tratam da exclusão educacional como forma de silenciamento. Em *Torto Arado*, a personagem tem acesso à escola, mas não é incluída: seu corpo, sua voz (ou ausência dela), sua realidade não são considerados. Em *Vidas Secas*, a escola é uma ausência total; o saber é algo distante, quase mítico,

acessível apenas a figuras como Seu Tomás. Em ambos os casos, a leitura e a escrita — pilares da educação formal — aparecem como elementos desconectados das experiências de vida dos personagens. A leitura não alimenta, não cura, não liberta. Ao contrário: pode oprimir, excluir ou parecer inútil.

Essa crítica também pode ser lida à luz das reflexões de Bourdieu e Passeron (1970), que veem a escola como espaço de reprodução das desigualdades sociais. O sistema educacional, segundo os autores, legitima a cultura das classes dominantes e penaliza os que não dominam esse capital cultural. A escola exige dos sujeitos aquilo que ela não lhes ensinou, e aqueles que não correspondem são considerados incapazes ou desinteressados. A personagem de *Torto Arado*, que não vê sentido nas aulas, e Fabiano, que não entende o valor da leitura, são vítimas desse processo de exclusão simbólica.

. A mutilação da fala que acomete uma das personagens centrais, Bibiana, torna-se metáfora potente para pensar o silenciamento histórico de sujeitos marginalizados, sobretudo mulheres negras e camponesas. O que poderia ser um destino de apagamento converte-se, na narrativa, em uma reinvenção linguística e afetiva por meio do corpo, dos gestos e da coletividade. O primeiro trecho analisado já revela essa transposição da linguagem verbal para uma linguagem corporal e simbólica:

A que emprestaria a voz teria que percorrer com a visão os sinais do corpo da que emudeceu. A que emudeceu teria que ter a capacidade de transmitir com gestos largos e também vibrações mínimas as expressões que gostaria de comunicar (Vieira Júnior, p. 23).

Aqui, o texto coloca em evidência a interdependência entre as irmãs, construindo um sistema comunicativo alternativo, gestual e intuitivo. A linguagem tradicional é substituída por um “ver com o corpo”, um perceber com todos os sentidos. Como sugere Michel Foucault (1975), o controle social se exerce também pelo controle dos corpos e da linguagem. Nesse contexto, a mutilação da fala da menina é um ato de violência simbólica e física que a exclui dos modos institucionais de comunicação. No entanto, como James Scott (1990) argumenta em *Domination and the Arts of Resistance*, é justamente nos espaços de dominação que emergem formas sutis, subterrâneas e inventivas de resistência. A reinvenção da linguagem entre as irmãs é uma dessas formas.

O seguinte trecho reforça esse elo afetivo e linguístico:

Foi assim que me tornei parte de Belonísia, da mesma forma que ela se tornou parte de mim. [...] Foi assim que vimos os anos passarem e nos sentimos quase siamesas ao dividir o mesmo órgão para produzir os sons que manifestavam o que precisávamos ser (Vieira Júnior, p. 24).

Neste momento, a narrativa ultrapassa a simples parceria entre irmãs e sugere uma fusão simbiótica. “Dividir o mesmo órgão para produzir os sons” é uma imagem poderosa: embora apenas uma fale, ambas compartilham o ato comunicativo. A linguagem aqui é coletiva, construída a partir do afeto, da experiência compartilhada e da necessidade. Tal configuração desafia a concepção ocidental de sujeito autônomo e racional, propondo uma identidade plural, coletiva e interdependente — conceito próximo do que Bakhtin (1997) propõe como dialogismo: toda enunciação é composta por múltiplas vozes, múltiplas consciências em interação.

Em *Torto Arado*, a voz da subalterna não é a voz tradicional, audível, racional é a voz do corpo, da presença, da partilha com o outro. A linguagem é criada a partir da exclusão, e nesse processo se torna território de reconstrução subjetiva. A narrativa segue explorando essa construção “Nos meses que se seguiram, durante o tempo em que nos recuperávamos, enquanto uma aprendia a expressar o desejo da outra, e a outra se fazia legível na expressão dos desejos.” (Vieira Júnior, p. 26) Este trecho reforça a ideia de que o silêncio não é ausência, mas uma outra forma de presença. A irmã que não fala se “faz legível”, e a que fala aprende a “expressar o desejo da outra”. É uma troca constante de sentidos, uma partilha que exige sensibilidade, escuta e tradução. Pierre Bourdieu (1989) lembra que o capital linguístico não se limita à capacidade de articular sons corretamente, mas está atrelado à legitimidade da fala em contextos sociais. As irmãs, ao criarem um idioma próprio, recusam a legitimidade imposta e erguem seu próprio sistema simbólico.

A passagem a seguir evidencia como essa nova linguagem extrapola o núcleo familiar e se dissemina:

No início, a que era a voz duplicada, a que falava pelas duas, cuidou, sem perceber, de instruir o primo de como poderia ser fácil entender os sinais que havíamos elaborado, sem o recurso de uma escola, para nos comunicarmos. De maneira breve, ele aprendeu a se comunicar também, às vezes melhor que qualquer um da casa [...] (Vieira Júnior, p. 43).

A comunicação gestual, criada na adversidade, torna-se transmissível, pedagógica e comunitária. O primo aprende rapidamente — o que sinaliza a potência da linguagem não verbal como forma legítima de expressão. A linguagem das irmãs é um saber marginal, mas potente, que escapa à vigilância dos discursos normativos.

A narrativa de *Torto Arado* opera, portanto, uma crítica sutil e profunda à ideia de que só há linguagem no verbo falado. A oralidade, os gestos, os corpos e os afetos tornam-se signos que significam e constroem identidade. As irmãs, sobretudo a que perdeu a voz, nunca se calam completamente reinventam a linguagem a partir do trauma e fazem dela um instrumento de ligação, cuidado e resistência. Essa perspectiva se articula, enfim, com a noção de que toda exclusão simbólica pode conter em si os gérmens de uma nova forma de expressão. Assim como em *Vidas Secas*, a linguagem em *Torto Arado* é precária, mas profundamente significativa. Ambas as obras mostram que o silêncio dos oprimidos não é vazio, mas campo fértil de gestos, sons, olhares e desejos — formas plurais de dizer o mundo, ainda que à margem do que se costuma chamar de fala.

Por fim, tanto *Torto Arado* quanto *Vidas Secas* cumprem um papel fundamental ao denunciar essas estruturas de opressão por meio da literatura. Ao dar voz a personagens que geralmente são silenciados a menina muda, o sertanejo analfabeto, os autores nos obrigam a encarar uma realidade histórica de desigualdade, negligência e silenciamento. A crítica que emana dessas narrativas ultrapassa o campo estético e se insere no campo político: trata-se de uma denúncia da exclusão educacional como prática sistemática de apagamento social. A literatura, nesse sentido, torna-se ferramenta potente de resistência e reflexão crítica sobre as estruturas que sustentam a desigualdade no Brasil.

4.4 ECOS ENTRE NARRATIVAS: APROXIMAÇÕES TEMÁTICAS E ESTILÍSTICAS

A presente seção propõe-se a investigar os diálogos e ressonâncias entre *Vidas Secas* e *Torto Arado*, buscando evidenciar como essas obras, apesar de distintas em época e contexto, compartilham temas fundamentais e estratégias narrativas que reforçam suas respectivas representações da realidade rural brasileira. A análise concentrar-se-á nas aproximações temáticas — tais como a pobreza, a exclusão social e a luta pela sobrevivência — e nas escolhas estilísticas que os autores utilizam

para dar voz aos silenciados do sertão e do interior do país. Essa leitura comparativa encontra respaldo em estudos de crítica literária que ressaltam a importância da intertextualidade e da memória social na construção das narrativas contemporâneas, reforçando a continuidade e o diálogo entre diferentes gerações de escritores engajados com a denúncia e a resistência cultural. Assim, ao explorar esses ecos entre narrativas, pretende-se compreender como Graciliano Ramos e Itamar Vieira Júnior estabelecem pontes entre passado e presente, traçando um panorama literário que ilumina questões sociais persistentes e a urgência de seu enfrentamento.

A comunicação emerge como um eixo central para compreender as condições existenciais e sociais retratadas tanto em *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, quanto em *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Júnior. Ambos os romances lidam, de maneira profunda e simbólica, com a precariedade da expressão humana em contextos de marginalização, pobreza extrema e silenciamento cultural e social. Essa dialética da fala e do silêncio, presente nas experiências dos personagens, permite uma leitura que articula a subjetividade à resistência, configurando uma ponte interpretativa entre as duas obras. Em *Vidas Secas*, o silêncio e a dificuldade de comunicação dos personagens são manifestos e reiterados, sobretudo por meio da figura de Fabiano e seus filhos. Nos trechos selecionados, observa-se a impotência dos personagens para expressar suas angústias e vivências internas. Fabiano, descrito como "um bruto, que não contava nada" (Ramos, p. 26), representa o homem sertanejo marcado pela exclusão social e cultural, cuja fala é insuficiente para nomear o mundo que o cerca. O menino, por sua vez, balbucia palavras desconexas, imita sons da natureza e dos animais, tentando apreender uma linguagem que lhe permita compreender e comunicar sua realidade, ainda que com dificuldades evidentes: "Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas..." (Ramos, p. 45). Essa limitação linguística traduz a precariedade da educação e a falta de acesso à cultura formal, mas também simboliza a tentativa de resistência e de compreensão do ambiente hostil.

A linguagem, ou a ausência dela, em *Vidas Secas* não é apenas uma questão formal, mas uma condição existencial ligada à própria opressão sofrida pelos personagens. O silêncio imposto, a ausência de uma fala legitimada socialmente, é parte do processo de desumanização a que são submetidos. Fabiano e sua família vivem em um mundo onde "não podiam ar rumar o que tinha no interior" (Ramos, p. 26), revelando a impossibilidade de traduzir em palavras a profundidade de sua

existência. O discurso fragmentado e as imagens deformadas que se sucedem nas conversas dos pais simbolizam a precariedade dos recursos simbólicos disponíveis para os marginalizados, que tentam, a despeito disso, nomear o mundo, mesmo que de forma incompleta ou ambígua.

A voz e o silêncio aqui são matizados pela dimensão corporal e pela intersubjetividade. Conforme aponta o trecho "A que emprestaria a voz teria que percorrer com a visão os sinais do corpo da que emudeceu" (Vieria Júnior, p. 23), a comunicação se dá para além da linguagem verbal, envolvendo gestos, vibrações mínimas e sinais corporais que expressam desejos e intenções. Essa expressão comunicativa que transcende a fala reflete uma forma de resistência cultural, uma linguagem construída em meio ao silenciamento histórico das populações negras e rurais. Além disso, a narrativa de *Torto Arado* destaca o aprendizado coletivo e a transmissão do saber fora das instituições formais. A relação das protagonistas com a linguagem, o corpo e o mundo são construídos por meio de uma experiência vivencial compartilhada.

A linguagem aqui é também uma arma contra o silenciamento e a exclusão, um meio de afirmar existência e pertença. Enquanto Fabiano e seus filhos em *Vidas Secas* tentam apreender e nomear um mundo alheio e hostil, os personagens de *Torto Arado* constroem um sistema próprio de comunicação que desafia a invisibilidade social e o racismo estrutural. O primo, que aprende os sinais criados pelas protagonistas (Vieria Júnior, p. 43), exemplifica a possibilidade de expansão desse código de resistência, mas também o conflito que esse aprendizado pode gerar, como o ciúme pela atenção dada a quem compreende essa linguagem. Outro aspecto que reverbera entre as duas obras é a relação com a educação formal e seu potencial transformador.

Em *Vidas Secas*, o menino sonha com a escola e o aprendizado, uma esperança tímida diante da dura realidade do sertão: "Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias" (Ramos, p. 96). Já em *Torto Arado*, o pai das protagonistas luta para trazer um professor para a fazenda, reconhecendo a importância do ensino formal para a emancipação das crianças (Vieria Júnior, p. 65). Contudo, essa valorização da educação convive com o reconhecimento das limitações impostas pelas circunstâncias sociais e econômicas, ressaltando a luta constante por acesso e reconhecimento. A linguagem também é um ponto de convergência simbólica. Em *Torto Arado*, a "língua ferida" (Vieria Júnior, p. 87) representa a herança

da opressão e do racismo, um trauma cultural que se manifesta na dificuldade de se expressar e ser ouvido. Essa ferida contrasta e ao mesmo tempo dialoga com o "balbuciar" e o "silêncio" de Fabiano e seus filhos, mostrando diferentes facetas da mesma condição de exclusão social. Ambas as obras mostram que a voz — literal e metafórica — é um campo de batalha, onde se travam disputas por reconhecimento, identidade e dignidade. Finalmente, o desejo de transcender o lugar de origem e as limitações impostas pela condição social configura um tema convergente importante. Em *Vidas Secas*, o sonho dos meninos de uma cidade grande, da escola, e uma vida diferente (Ramos, p. 96) ecoa nas reflexões de *Torto Arado*, onde as protagonistas começam a imaginar uma vida além da fazenda, mesmo que a exploração e o sistema de opressão ainda sejam uma realidade presente (Vieria Júnior, p. 72-83). Essa ambivalência entre o sonho e o real, a esperança e a resignação, compõe um diálogo rico sobre a luta pela sobrevivência e a busca por autonomia. Dessa forma, ao estabelecer um diálogo entre os fragmentos selecionados de *Vidas Secas* e *Torto Arado*, é possível identificar uma convergência temática em torno do silêncio, da fala, da comunicação e da resistência.

Ambas as narrativas revelam o esforço dos marginalizados para se apropriar da linguagem, superar o silenciamento e afirmar suas vozes diante de sistemas opressores, seja na paisagem árida do sertão nordestino do século XX ou no universo rural contemporâneo marcado pela herança do trabalho escravo e da exploração. Esses ecos evidenciam como a literatura brasileira continua a investir na problematização das vozes silenciadas, em contextos diversos, mas com estratégias narrativas e simbólicas que permitem uma reflexão profunda sobre a condição humana e social daqueles que habitam as margens da sociedade.

4.5 EDUCAÇÃO COMO ATO DE RESISTÊNCIA E ESPERANÇA.

Em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, a educação embora ausente de forma institucionalizada configura-se como um elemento simbólico de resistência e possibilidade de transformação social. O silêncio das personagens, frequentemente fruto da opressão histórica e da exclusão sistêmica, não anula o desejo de compreender o mundo e de nele se expressar. Em Fabiano, que balbucia palavras e se frustra com a própria limitação verbal, e nos meninos que

repetem sons e tentam aprender novos vocábulos, como “inferno”, percebe-se uma busca inconsciente por romper a condição de marginalização. Já em *Torto Arado*, a comunicação entre as irmãs Belonísia e Bibiana transcende a oralidade formal, elaborando códigos próprios que se tornam ferramentas de resistência diante da mutilação física e simbólica.

A linguagem se reinventa como forma de sobrevivência. Assim, como lembra Freire (1987), “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão”, e é nessa comunhão precária, entre silêncio e desejo de fala, que ambos os romances constroem um horizonte de esperança. A ausência de escola e de instrução formal não elimina a força simbólica da educação como possibilidade de futuro, como brecha aberta na estrutura de poder que os silencia.

A educação, ainda que ausente como direito consolidado na trajetória dos personagens de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, apresenta-se como uma potência utópica. Essa dimensão surge nos dois romances como um fio tênue de esperança frente às estruturas de exclusão e opressão social. Os sujeitos subalternos, mesmo imersos na miséria e no silenciamento, vislumbram a possibilidade de romper com o ciclo da ignorância e da servidão por meio do saber e da palavra.

No desfecho de *Vidas Secas*, Fabiano e Sinhá Vitória caminham para o sul, e a narrativa introduz um vislumbre de futuro que inclui a escolarização dos filhos:

E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros inúteis, acabando-se como Baleia (Ramos, 2019, p. 96).

A escola, aqui, é imaginada como o espaço de transformação, um horizonte de dignidade possível para a nova geração, ainda que inalcançável para os pais. A esperança de que os filhos rompam com o destino de submissão é, como defende Paulo Freire, uma forma de resistência. Nas palavras do educador:

A educação verdadeira é praxis, reflexão e ação do homem sobre o mundo para transformá-lo. Não é transferindo conhecimento, mas instigando o sujeito à reflexão crítica que se promove libertação (Freire, 1987, p. 40).

Nesse sentido, a esperança da escolarização dos meninos não é apenas uma projeção de progresso, mas um ato político e simbólico de ruptura com o ciclo de desumanização vivenciado pelos pais. Ainda que Fabiano e Sinhá Vitória não acessem esse mundo, reconhecem seu valor como possibilidade de mudança.

Em *Torto Arado*, a educação aparece como um despertar individual e coletivo. Primeiramente, como consciência social e, posteriormente, como desejo de transformação. Na página 72, a narradora afirma: “Ele falava que poderia aliar seu conhecimento da natureza e da lavoura com sua disposição para o trabalho, além do estudo que poderia lhe dar conhecimentos novos para mudar de vida”. Essa fala revela uma concepção ampliada de educação, em que saber tradicional e saber escolar se complementam como instrumentos de emancipação. O que torna evidente no trecho a seguir:

Passei a sentir fome de leitura, levava livro até para a sombra do descanso na roça. Essas histórias que encontrava nos livros e ouvia da boca do povo vão se desenrolando em minha cabeça como um novelo de malha de apanhar peixe (Vieira Junior, p.170).

Aqui, o texto aponta para o papel libertador da leitura, como construção subjetiva e coletiva de sentido. A linguagem escrita é, então, incorporada como patrimônio e resistência, permitindo à personagem enxergar-se como sujeito histórico. Essa vivência literária se articula à ideia de letramento como prática social, que vai além da simples codificação da linguagem. Como nos ensina Magda Soares (2004):

O letramento não é apenas a aquisição da tecnologia da escrita, mas o uso dessa tecnologia em práticas sociais específicas, nas quais se constroem sentidos. É através dessas práticas que o sujeito se insere como cidadão na vida social (Soares, 2004, p. 36).

Dessa forma, a “fome de leitura” que acomete a narradora é mais do que desejo individual; é apropriação simbólica da linguagem como ferramenta de existência e resistência. Ao imaginar os filhos lendo cadernos velhos e entendendo “do que somos feitos”, a narradora sugere um legado de autonomia, ancestralidade e resgate, em oposição ao apagamento histórico e social imposto aos camponeses. Essa potência educativa se articula também com os estudos de bell hooks (2013), que defende a educação como prática da liberdade:

Ensinar é um ato de esperança. [...] A sala de aula, mesmo nas condições mais opressivas, pode ser um local de liberdade. [...] A educação como prática da liberdade afirma a possibilidade de transformação pessoal e social (Hooks, 2013, p. 105).

Assim, tanto Graciliano Ramos quanto Itamar Vieira Junior delineiam a educação como eixo de transformação. Mesmo que suas personagens estejam limitadas por estruturas brutais de dominação, a ideia de instrução — seja como sonho projetado nos filhos, como em *Vidas Secas*, seja como apropriação ativa da leitura e da escrita, como em *Torto Arado* — constitui um gesto de resistência ao silenciamento e um investimento na esperança. Em ambas as obras, a educação não é apenas um conteúdo ausente; ela é uma brecha de liberdade dentro de um sistema de exclusão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente análise alcançou os objetivos propostos ao investigar como *Vidas Secas* e *Torto Arado* constroem um diálogo literário potente, que transcende suas épocas e revela, por meio de diferentes recursos narrativos, as múltiplas formas de silenciamento e exclusão que atravessam sujeitos historicamente marginalizados. Por meio da intertextualidade temática, foi possível compreender como a linguagem, a escrita e o acesso à palavra funcionam como elementos centrais na constituição das relações de poder e nas experiências de opressão vividas pelas personagens. As obras evidenciam que a ausência da escrita e da educação formal não representa apenas uma limitação comunicativa, mas um impedimento profundo de participação social, de construção de identidade e de reconhecimento. A linguagem, nesses contextos, não se limita a ser meio de expressão; ela se torna um espaço de disputa, capaz tanto de submeter quanto de libertar.

A análise revelou, ainda, que as relações intertextuais entre as duas obras aprofundam a compreensão das condições de vida no sertão, marcada por desigualdades históricas, ausência de direitos e apagamento simbólico. As narrativas dialogam ao escancarar a permanência de determinadas estruturas sociais e, ao mesmo tempo, ao propor formas simbólicas de reexistência. Ao retratarem personagens que, mesmo silenciados, resistem de diversas formas, os romances reafirmam o poder da literatura como espaço de denúncia, escuta e valorização das subjetividades excluídas. Por fim, a presente pesquisa confirma a relevância da intertextualidade temática como ferramenta de análise crítica e como instrumento pedagógico. Ao aproximar leitores de realidades historicamente invisibilizadas, a intertextualidade contribui para a ampliação da consciência social e para o reconhecimento das múltiplas formas de resistência presentes na literatura produzida a partir das margens.

6 REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2003.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BORDIEU, P.; PASSERON, J.-C. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- BRASIL. *Ministério da Educação*. Base Nacional Comum Curricular: Educação Básica. Brasília, 2017.
- CAFÉ COM SOCIOLOGIA. *O poder em Michael Foucault*. Café com Sociologia. Disponível em: <<https://cafecomsociologia.com/o-poder-em-michael-foucault/>>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- CANDIDO, Antonio. *A Formação da Literatura Brasileira*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2000.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. São Paulo: Nacional, 2000.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Subdesenvolvimento*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Trad. Cristina Albuquerque. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- KOCH, Ingedore G. V. *A Coesão Textual*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, Ingedore G. V. *Texto e Coerência*. São Paulo: Contexto, 2013.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semântica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

KRISTEVA, Julia. *O texto do romance*. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *O papel da atividade discursiva no exercício do controle social*. Cadernos de Linguagem e Sociedade, Brasília, v. 7, p. 7-33, 2010. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/9697>. Acesso em: 28 out. 2024.

MORAN, José. *Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda*. São Paulo: [s.n.], 2015. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/>. Acesso em: 20 maio 2025.

MORAN, José. *Mudando a educação com metodologias ativas*. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (orgs.). *Coleção Mídias Contemporâneas: convergências midiáticas, educação e cidadania – aproximações jovens*. Vol. II. Ponta Grossa: Foca Foto – PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: <http://uepgfocafoto.wordpress.com/>. Acesso em: 20 maio 2025.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. *Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico-2ª Edição*. Editora Feevale, 2013.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo: Record, 2019.

SKLIAR, C. *A diversidade: um aprendizado entre lágrimas*. In: SKLIAR, C. (org.). *Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 2003.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.